ACAMPAR

BOLETIM INFORMATIVO DO CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO | SÉRIE VI | ANO I | Nº 1

JANEIRO / MARÇO 2021 – PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

....Ponto prévio...

Caras companheiras e companheiros,
este é o número 1, da 6ª série do ACAMPAR. Para alguns, será a primeira vez que o lêem ou recebem.
O facto é que nos últimos dez anos só se publicaram 5 exemplares, sendo o último em março de 2014...
E as razões? Importa refletir sobre elas.

Primeiramente, a desvalorização da importância que um boletim informativo tem, no seio de uma organização. Sem estratégias de comunicação (que poderiam ajudar na construção da imagem e melhoria da reputação, por um lado, e facilitar o relacionamento com os sócios, explicando e mostrando os fundamentos das acções, procedimentos e planos, por outro), as Direcções deixaram de dar ao ACAMPAR a importância que o mesmo tem, ou pelo menos, deveria ter. Esqueceram, inclusivé, os seus associados que, pagando as suas cotas, já só recebiam a "sua revistinha", pois deixaram de praticar campismo, e ainda assim, continuavam sócios.

Depois, vem a questão financeira. Produzir e enviar (via CTT) uma revista aos sócios, tornou-se para a grande maioria das associações (sem fins lucrativos, como é o caso do nosso Clube) uma tarefa quase ciclópica. Os custos são muito elevados e as receitas são, mais das vezes, inexistentes. Decisão, como tal, pacífica, para as direcções, porquanto poderiam alegar que "sem ovos, não há omoletas".

A dificuldade em obter a ajuda de quem se queira envolver, encabeçando, este tipo de projecto editorial, de modo voluntarioso, é normalmente também, um obstáculo. Porém, ultrapassável...

OK! E então, agora? Vamos, portanto, dar a volta a isto!

A total liberdade editorial e independência da Direcção do Clube, foram pressupostos aceites, para poder encetar este meu novo ciclo de participação activa na vida do nosso Clube.
E o plano passa por voltar a publicar trimestralmente (o que já não acontecia há muitos, muitos anos).
Acompanhando as tendências de globalização digital, todas as revistas serão publicadas em PDF, e estarão acedíveis através da página do Clube (www.ccporto.pt) no separador "Revista". Aí, podem lê-la directamente ou descarregar o ficheiro para ler mais tarde. Mas podem também fazê-lo no visualizador **Calaméo** (é uma plataforma de publicação para revistas) para uma leitura mais facilitada. Nova particularidade será a possibilidade de seguir ligações (links) nos artigos onde existam, e espero que sejam muitos. Será portanto, uma publicação interactiva.
Mas atenção! Das quatro edições do ano, duas vão também aparecer na vossa caixa de correio, em papel!!!
Gostaria de dar a oportunidade a jovens sócios, cujas áreas de formação sejam as Ciências da Comunicação (Jornalismo, Assessoria, Multimédia) ou Design de Comunicação, de poderem colaborar, pelo que, desde já agradeço, caso conheçam alguém que possa, eventualmente estar interessado, me contactem.

E assim, temos que, voltam algumas rubricas já "usadas mas em bom estado" e outras "novas a estrear" (caso do ***Bom Caminho*** e da ***Photomaton***). Outras já estão na forja e mais as vossas sugestões e contributos (sem as quais isto não tem piada nenhuma...).

E não, por cá não haverá "lápis azul"! Mas da mesma forma que o ACAMPAR não é correia de transmissão da Direcção (que terá quatro páginas da sua responsabilidade, em cada número), também não será um palco para refregas ou guerras de alecrim e manjerona.

Espero que gostem! (*mas se não gostarem, digam-me, que tentarei melhorar*)

Jorge Agostinho
revista.acampar@ccporto.pt

Editorial

De volta ao trabalho!

Não foi assim tanto tempo, mas passaram-se já 10 anos, desde que a responsabilidade da direcção do Acampar tinha "passado de mãos". Entendi que estaria na altura de voltar, acedendo ao convite me foi feito no decorrer do passado ano.

Porque sempre foi meu entendimento, que esta nossa revista é, ainda para muitos, o único elo que os liga ao Clube, mas também o espaço onde se pode e deve mostrar aquilo que no Clube se faz (ou se deixa por fazer), mas essencialmente pela responsabilidade de ser o repositório das memórias de uma história com quase 75 anos.

E é esse renascer, simbólicamente expresso na imagem da capa, que vos quero trazer.

Agora que os sinais de esperança, nos permitem fazer acreditar, que a breve prazo retornaremos a uma normalidade, em que voltaremos a poder socializar e a expressar os afectos, será o momento de repensar alguns procedimentos e atitudes, que mais não trazem, que divisões e conflitualidades. Compreensão e respeito, serão a chave para uma vivência harmoniosa. E aqui, podem expressar as vossas opiniões, e, de uma forma construtiva, contribuir para a credibilidade, o crescimento e o sucesso do vosso Clube.

E também por isso, voltei. E posso contar convosco? Sim, porque esta, é a vossa revista!

Jorge Agostinho

Sumário

Direcção.....3
Secção Pedestrianismo.....8
Secção Montanha.....10
Secção Cicloturismo.....12
Correio Leitor.....14
Bom Caminho.....18
Roteiro de Viagem.....21
Acampamentos.....26
O Baú do Avô.....28
F.C.M.P. 35
Caderno de Apontamentos..... 36
Acamparte.....37
Photomaton.....38

Colaboraram neste número:

Américo Rolo
Graça Miguel
José Cardoso
António Machado
Américo Ribeiro
Andreia Costa
Jorge Amorim
Alberto Aguiar
Sérgio Brandão
Paulo Sousa
Manuel Correia
Maria Beatriz Ferreira
Artur Pereira
Mário Agostinho
Alfredo Correia

Ficha Técnica

ACAMPAR
Série VI - Ano I - N.º 1 - JAN/MAR 2021
Publicação Trimestral
Revista Informativa do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
Edição e Propriedade do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO
NIPC do CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO: 500 065 373
Instituição de Utilidade Pública
Medalha de Valor Desportivo - Ouro, da C. M. do Porto
Medalha de Ouro da Cidade de Esmoriz
Sede: Rua da Constituição, nº 803 – 4200-201 PORTO
Telefones: 222 011 507 / Web: www.ccporto.pt | ccporto@ccporto.pt

Parque de Campismo de Esmoriz - 3885-529 Esmoriz - Tel. 256752709

Casa Abrigo de Belói - S. Pedro da Cova

FICHA TÉCNICA
Director: Jorge Agostinho
revista.acampar@ccporto.pt

Conselho de Redacção: Paula Leite

Foto de capa: Renascer
em: Pico Ruivo (Parque Natural da Madeira)
autor: Sérgio Bruno Brandão
instagram: @sergiobrunobrandaophotography

Montagem e Impressão: Borges, Mendonça & Ca Lda.

Os textos assinados refletem a opinião dos seus autores e não vinculam o **ACAMPAR** às ideias neles expressas.
O **ACAMPAR** respeita a adopção ou não do novo acordo ortográfico pelos autores, facto que se reflecte nos critérios editoriais adoptados.
Os artigos e fotos não identificados são da responsabilidade do Director. As ligações (links) existentes na versão digital são verificadas à data.

Direcção

O DESPERTAR

É com enorme satisfação que a Direcção do Clube de Campismo do Porto retoma a edição da revista Acampar, cuja existência data dos primórdios do C C P, como boletim informativo e, desde 1976, em formato de revista.

Após uma pausa de 7 anos, a publicação oficial do Clube de Campismo do Porto desperta pelas mãos do Companheiro Jorge Agostinho que foi convidado pela actual Direcção a assumir a responsabilidade da revista Acampar.

A revista Acampar, que teve sempre um enorme carinho e recetividade por parte dos seus Colaboradores e Associados, regista o passado pelas memórias e factos, o presente da história da nossa grande instituição, mas também o futuro onde se prevê o crescimento do movimento associativo.

Ao longo destes 7 anos, muitas vicissitudes ocorreram, muitas alheias ao C C P, mas alguns sucessos também tiveram lugar, e assim se espera continuem a ter lugar.

Apesar do período extremamente difícil que todos estamos a passar com a situação pandémica, sentimos e confiamos poder ultrapassar com sentido de entreajuda, tal e qual o espírito que está na base da filosofia campista, o COMPANHEIRISMO.

Não ambicionamos escrever nestas páginas tudo o que aconteceu nos ultimos 7 anos mas podemos mencionar alguns factos relevantes da "vida" do CCP, que conta com uma longa e prestigiada história de quase 74 anos, registando duas datas que neste período marcaram o C C P:

1. A denúncia de contrato do Parque do Penedo da Raínha a partir de 30 de Junho de 2018 por parte da Câmara Municipal de Amarante, após 20 anos na sua gestão.
2. A denúncia do contrato de arrendamento das instalações da Sede em 2018 na sequência de um processo que durou quase 2 anos após recepção de um ofício, em 2016 a informar o CCP do direito de preferência, direito esse, que a Direcção do momento entendeu não exercer.

Sobre as instalações da Sede, as mesmas deixaram de ser na Rua D. Manuel II, para passarem para a Rua da Constituição, em Outubro de 2018, mas neste caso com uma prerrogativa bem mais enriquecedora, que seria a possibilidade de compra dessas instalações no espaço de 2 anos, a qual foi tornada realidade, em 8 de Julho de 2020!

Finalmente o Clube de Campismo do Porto, em 73 anos tinha uma sede, um bem próprio!

Apesar destes acontecimentos que exigiram decisões difíceis, foi possível superar, e o Clube de Campismo do Porto, continua a viver e lutar investindo no Parque de Campismo de Esmoriz, com várias benfeitorias e com grandes projectos ambiciosos, sendo o parque de campismo que mais se modernizou e por isso o torna tão desejado para os campistas.

Continuamos a investir e a desafiar as nossas secções históricas, com tentativas esforçadas para as fazer renascer e na melhor gestão diária, possível de um Clube e de um parque, num tempo tão difícil que a todos nos atormenta!

Carlos Américo de Carvalho Leite Rolo
associado nº 180
Presidente da Direcção do CCP

ÁREA ADMINISTRATIVA

Como responsável por esta área, tentei inteirar-me da orgânica do Clube de Campismo do Porto e das suas dificuldades. A gestão informática quer a nível de sócios quer a nível de utentes de Parques é onde se registam tais dificuldades.

Desenquadramentos de vária ordem, obrigam muitas vezes a duplicar trabalhos que com um bom programa informático se poderá resolver.

Houve necessidade de restruturação geral em todos os procedimentos, sendo esta lacuna mais evidente na gestão do Parque de Campismo de Esmoriz.

Nestes dois anos já muito foi feito, contudo há muito mais a fazer em termos de restruturação e organi**zação.**

Graça Miguel

Vice Presidente Área Administrativa

ÁREA DE PARQUES, TERRENOS E ABRIGOS

Em 2019 quando esta direção entrou analisou que:

Havia muitas obras por executar derivado à falta de manutenção da anterior direção no parque de campismo de Esmoriz.

2020 continuamos com as obras de manutenção e beneficiação.

A entrada principal visto que a mesma se encontrava degradada, fizemos obras de restauro e embelezamento, incluindo no pavimento e no portão da entrada.

No centro onde está o candeeiro, colocamos um pipo, em representação da tanoaria em Esmoriz. Embelezamos a fonte com um barco que representa a arte xávega, incluindo alguns peixes.

Na sala de lazer, agora temos a nossa biblioteca com sofás para o bem-estar dos utentes e mesas para jogos de cartas, dominó e damas, etc.

Em agosto de 2020, inaugurámos o edifício arco-íris com um salão para festas e eventos.

Este edifício já há muito que vinha sendo necessário, visto que o antigo salão de festas já não reunia as condições de segurança e conforto para as festas que se realizavam, como passagem de ano, carnaval, magustos.

No verão quando tínhamos as nossas festas no palco principal e havia mau tempo, tínhamos que as cancelar por falta de condições.

Em outubro começamos a implementar no parque de campismo de Esmoriz candeeiros solares, havendo já alguns setores com estes novos candeeiros que ir-se-á refletir numa maior poupança na eletricidade para todos.

Ainda no mês outubro de 2020 mais uma vez um bloco sanitário, neste caso o bloco 6, foi detetado pelos nossos funcionários que estava a aluir e as paredes todas a rachar, de imediato foi encerrado para segurança de todos os utentes.
Como aconteceu também em 2019, tivemos que demolir todo o bloco 7 que transitou da anterior direção e reconstrui-lo completamente.
Como tem acontecido desde 2019, as obras têm sido uma constante, fruto de uma má manutenção e obras no parque de campismo de Esmoriz.
Com o empenho dos nossos funcionários, começamos a demolição de todo o interior, paredes e rebentamento de todo o chão tendo que recorrer a uma escavadora, para a limpeza da fossa e aterrar tudo no mais curto espaço de tempo possível termos o bloco pronto e em funcionamento para bem de todos os utentes.

António Machado
Américo Ribeiro
Vice Presidente de Parques, Terrenos e Abrigos

Obra de reconstrução do bloco 6, após o seu aluimento.

Candeeiros solares

ÁREA DESPORTIVA

Caros Companheiras(os)

Com mais ou menos dificuldades, orgulha-se esta Direção, bem como o responsável pelo Pelouro do Desporto, de terem feito muitas melhorias nos equipamentos desportivos e terem apoiado e reavivado as secções desportivas (montanhismo, cicloturismo e o pedestrianismo), sempre com o pensamento nos nossos jovens.

A difícil situação pandémica que atravessamos não tem permitido realizar todas as atividades a que nos propusemos, mas não nos tira a vontade de as realizar, assim como outras que, apesar de não estarem na planificação, estão no horizonte, para serem concretizadas logo que possível.

É do nosso interesse chamarmos a juventude para o nosso parque e dizer que cá estaremos para a apoiar.

Todas estas propostas, direcionadas para todos os utentes, serão levadas a efeito assim que estejam reunidas as condições necessárias e a pandemia nos permita.

José Cardoso

Vice Presidente do Desporto

Secção de Pedestrianismo

O Pedestrianismo

Em tom de brincadeira, no final de uma das nossas belas caminhadas, fizeram-nos a proposta de integrar neste desafio! E foi assim que tudo começou…

Somos duas manas muito unidas e companheiras uma da outra, em tudo na nossa vida…

Brincámos juntas, crescemos juntas, estudámos juntas, tirámos o mesmo curso e hoje trabalhamos juntas, …logo, teríamos que caminhar juntas!

Estamos ansiosas que inicie a nova época e esperamos por todos aqueles que nos queiram acompanhar nestas aventuras, nestas caminhadas matinais, onde preservamos a amizade, o respeito pelo outro, o companheirismo, a perseverança. O importante é querer, é estar, é participar!

O nosso ponto de encontro é no Jardim das Cabaninhas às 9h. Só precisa de aparecer, preencher a sua inscrição, que poderá ser entregue na semana seguinte e aí, receberá de oferta a t-shirt e o chapéu do pedestrianismo!

O plano de caminhadas estará afixado nos placares de informação; iniciativas, possíveis alterações, …enviaremos informação por via SMS ou WhatsApp.

Contamos convosco!

As manas, Andreia e Vera

Passo a passo

Encontro de emoções

Dunas e pinhais

Estradas e caminhos

Sair com o nascer do sol

Todos de verde vestido

Rumo ao desconhecido.

Ir e voltar, é uma certeza

Amizade e companheirismo

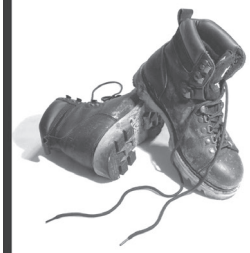
Ninguém ficará para trás

Ir e voltar, é um acreditar

Sorrir e gargalhar

Momentos para recordar...

Onde o coração nos levar!



Secção de Montanha

C. C. P.
MONTANHA

Mudam-se os tempos mudam-se as vontades

(Luís de Camões)

Influenciados pelas novas tecnologias e modos de comunicar, hoje, a Humanidade tem mais informação, havendo mesmo necessidade de um filtro para toda essa informação e a vida é vivida quase sem tempo para refletirmos no que é essencial.

Há 10, 20 ou 30 anos atrás na Secção de Montanha do C.C.P. tudo era planeado à quinta feira. O encontro dos sócios, membros da SM, servia também para um convívio franco e salutar. Depois, pela noite dentro, muitas vezes para um copo aqui ou ali. Era assim às quintas feiras!

Com a chegada da Internet as reuniões deram lugar a contactos virtuais. Não menos importantes, contudo sem o calor e afeto do encontro pessoal.

A secção de Montanha do C.C.P. mantem-se firme. Alguns membros não desistiram do projeto e continuam determinados. Não precisamos de ser muitos para fazermos aquilo que gostamos. Hoje, existem dezenas de clubes e empresas que, felizmente, também proporcionam atividades de montanha. O nosso tempo de quase exclusivos já passou, mas ficou (e continua) um tempo de experiências fantásticas, emoções e recordações!

Quando tudo voltar “ao normal” voltaremos e proporcionaremos a todos os sócios do CCP que nos queiram acompanhar, momentos de montanha, que são momentos mágicos!

Devido à situação epidemiológica que vivemos as nossas atividades para 2021 serão anunciadas nos locais habituais com 15 dias de antecedência.

Um bem-haja a todos.

janeiro de 2021

Jorge Amorim

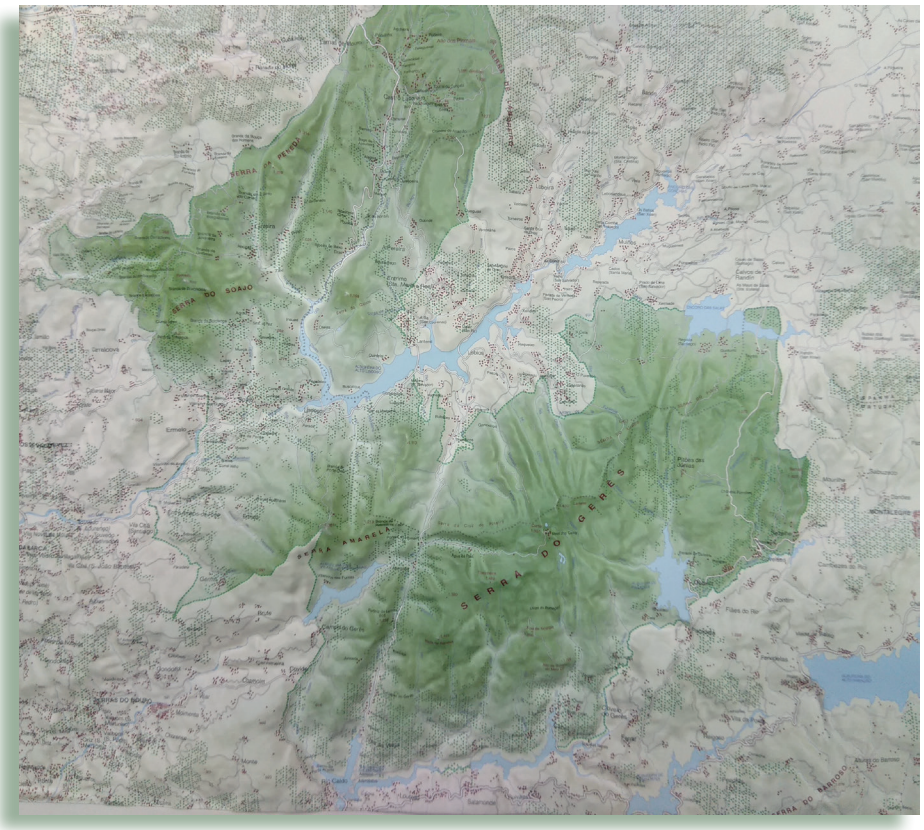
SECÇÃO DE MONTANHA
ATIVIDADES - 2021

Rúbrica			DATA	TIPO
1	Marcha dos Reis – Serra da Lousã		Cancelada	Montanha
2	Marcha de montanha – Serra do Caramulo		cancelada	Montanha
3	Marcha de Montanha – Serra da Freita		13 março	Montanha
4	Marcha da Primavera – Serra do Gerês		10 abril	Montanha
5	Picos da Europa - **3** dias - Espanha*		maio**	**Alta Montanha**
6	Marcha do Solstício		12 junho	Montanha
7	**Atividade para todos os sócios CCP** **Pedestrianismo.**		03 julho	Arcos de Valdevez
	Agosto - Secção encerrada		--------	----------
8	Marcha Serra da Estrela		18 setembro	Montanha
9	Marcha Amizade		16 outubro	Montanha
10	**Atividade para todos os sócios CCP** Marcha Folhas Caída _**Pedestrianismo**		13 novembro	Ponte de Lima
11	Atividade no Gelo - Serra da Estrela* 2 dias		4 e 5 dezembro	**Média Montanha**

*Só para montanhistas com seguro e sócios do CCP **datas a anunciar

- Todas as atividades estão dependentes das autorizações / condições da DGS

OBS: Todas as atividades poderão ser alteradas sem aviso prévio



Secção de Cicloturismo

Cicloturistas do Clube Campismo Porto

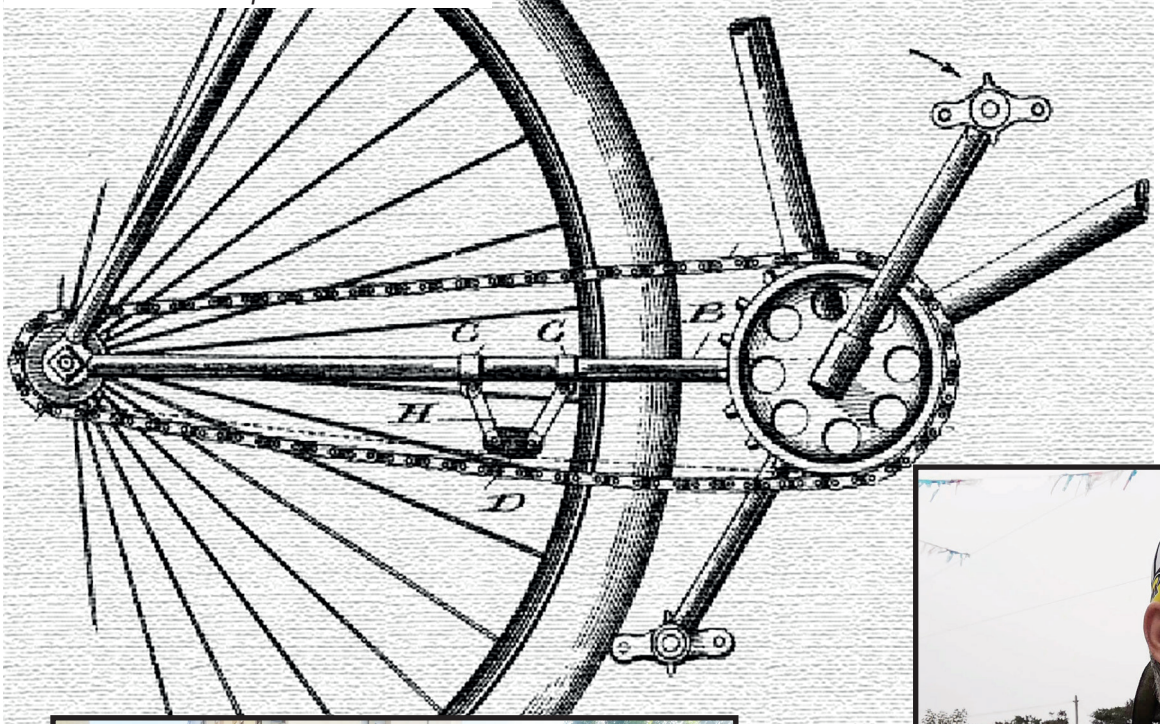
Caros companheiros e companheiras,
a secção de cicloturismo do Clube de Campismo do Porto (CCP) está de volta! O seu regresso deveu-se a uma enorme força de vontade por parte da direção atual do Clube de Campismo do Porto, que em conjunto com os companheiros ciclistas amantes da bicicleta, possibilitou o seu regresso.
Conforme é tradição, as saídas de bicicleta terão lugar durante a época alta aos domingos de manhã, a partir das 9h, na entrada do parque.
Todos os companheiros e companheiras que desejem passar uma boa manhã de Domingo estão convidados a comparecer. Desporto é saúde!
Para os companheiros e companheiras mais jovens, irá realizar-se aos sábados de tarde eventos e iniciativas com o objetivo de promover o gosto pelo cicloturismo junto dos mais novos.
Para os companheiros atualmente integrantes da secção de cicloturismo, esta atividade é muito mais do que a prática de desporto. São criados laços de amizade e um grande espírito de entreajuda que serão certamente estendidos a todos os que quiserem comparecer nas saídas dominicais. Este convite estende-se a todos os companheiros e companheiras de todas as idades, ninguém é deixado para trás!

Alberto Aguiar

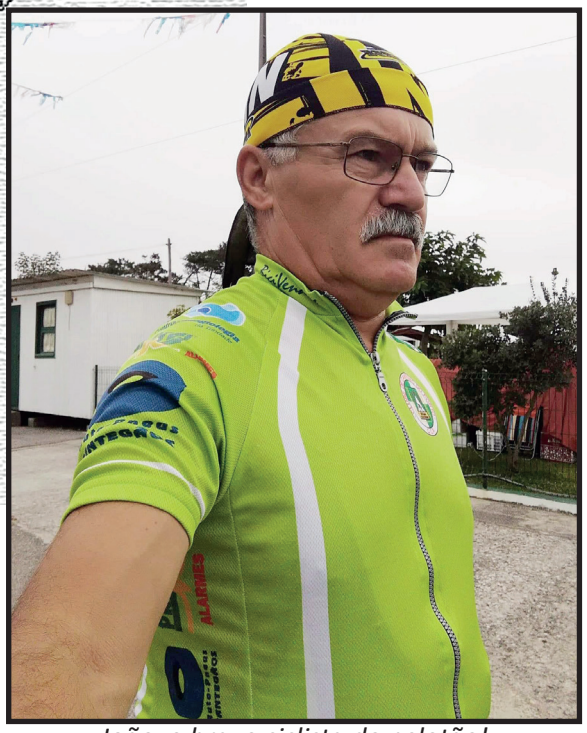
Desporto para todos!
Domingos de manhã, 9h
Entrada do Parque de Campismo de Esmoriz
Compareçam!

Um contratempo na estrada

O cicloturismo é muito mais do que a prática de desporto. São criados verdadeiros laços de amizade!



A merecida pausa para o café



João, o bravo ciclista do pelotão!

Correio do leitor

Memórias de um passado que parece tão recente

Passaram-se mais de trinta e cinco anos desde a primeira vez que escrevi um artigo para a revista Acampar! Na altura, era um miúdo tímido de doze anos (como quase todos os miúdos, naquela tenra idade da inocência) mas que já falava com propriedade sobre campismo selvagem e marchas de montanha. Muito cedo, com apenas cinco anos, empurrado pelo entusiasmo do meu pai, comecei a percorrer de lés a lés as principais serras nacionais: Gerês, Caramulo, Amarela, Barroso, Estrela, Marão, Freita, Montemuro, Soajo, Lousã, Larouco, Gardunha, Açor, Malcata, Alvão... Estas são apenas algumas das quais ainda recordo o nome e as histórias, guardadas para sempre na gaveta das memórias.

Recordo-me de uma noite de tempestade, no vale de Gevancas, serra do Alvão, agarrado aos ferros da tenda canadiana, "a rezar" para que se mantivesse de pé, enquanto o vento rasgava as bandeiras hasteadas dos clubes de montanha presentes.

E aquela marcha no Marão, no meio de um nevoeiro cerrado, a lembrar o filme de terror de John Carpenter? Um grupo de companheiros assegurava que conhecia a serra, mesmo de olhos fechados, e que o caminho só poderia ser naquela direcção, enquanto que outros juravam que o caminho correcto era em sentido contrário.

Com cinco anos, no Gerês, fui pela primeira vez às Minas dos Carris, antigas minas de volfrâmio, num percurso longo e demasiado duro para uma criança daquela idade. Após oito horas de caminhada, cheguei ao final com lágrimas nos olhos, sofrido com o cansaço acumulado. Mas, na semana seguinte, já só pensava em voltar à montanha, às marchas, à natureza.

Na foto, o autor, com o seu pai António Pinto Brandão, e o saudoso Delfim Gonçalves (o "nosso" Delfim dos peixinhos) com o seu filho Hélder Gonçalves.

Lembro-me de carregar uma mochila às costas, quase tão grande quanto eu, e de me sentir leve como uma pluma, e suado como um atleta de alta competição, sempre que a pousava para comer umas sandes, atum em lata ou um ovo cozido ou quando, ao final da tarde, a largava com desdém para ajudar o meu pai a montar a tenda canadiana.

Uma noite, em pleno coração da serra da Estrela, adormecemos na tenda sobre um terreno relvado e acordámos como esquimós a sair de um iglu sobre um manto branco, com um palmo de neve a cobrir os caminhos e o nosso abrigo.

E os fogos-de-campo? Jantávamos cedo para aproveitar ainda alguma da luz dourada do pôr-do-sol e para não perdermos pitada do fogo-de-campo! Comíamos um esparguete com salsichas, cozido num Campingaz portátil, ou uns panados, uma bola ou uns rissóis que tínhamos trazido de casa, uma peça de fruta e um café, que algum companheiro sempre se encarregava de fazer e partilhar. Com uma pequena lanterna na mão ou na cabeça, à mineiro, seguíamos como formigas num carreiro em direcção ao formigueiro. Era o culminar de um dia repleto de emoções, com a partilha de músicas, histórias, anedotas e, não raras vezes, valentes risotas. Chegávamos à tenda exaustos, e nem o cantar de um grilo ou de uma cigarra, o coaxar de uma rã ou o ressonar exasperante de um companheiro do acampamento eram suficientes para impedir o descanso profundo do “guerreiro”.

A experiência que sempre procurei colher dos mais velhos (nomeadamente dos meus pais) cedo despertou em mim um respeito e uma paixão enorme pela natureza, e pela montanha em particular, um gosto pela imprevisibilidade e adrenalina da aventura e o prazer de conviver e de desfrutar da companhia dos outros.

Passaram-se mais de trinta anos sobre esta saudosa década de 80 e posso confessar com toda a segurança que tive uma infância muito feliz!

Sérgio Brandão

@sergiobrunobrandaophotography

SER CAMPISTA

É só uma questão de apertar os parafusos!

É tudo uma questão de apertar os parafusos, e já explico porquê!

Estava eu a passar um belíssimo fim de semana, e claro como campista que sou, num magnifico parque de campismo, quando chegou a hora da higienização e de tomar o meu banhinho matinal.
No bloco sanitário, existiam 3 cabines de duche, e como moderado que sou, aliás sempre fui, escolhi a do meio, provavelmente por ser aí, no meio, que supostamente está a virtude, pelo menos é o que dizem!

Ao entrar na zona do duche, e ao fechar a porta, verifiquei que aquele trincozinho, o chamado "ferrolho", não estava nas devidas condições, dois dos três pequenos parafusos que o sustentavam no perfil de alumínio da porta estavam quase totalmente desapertados! Isto deu-me que pensar: O que vou fazer agora?!, que tipo de campista vou ser agora?!

Começa aqui a explicação prometida, a distinção de três tipos de campistas que, opino eu, proliferam pelo nosso movimento.

Criei na minha mente a primeira personagem: aquele que, imediatamente, mas sem antes se vestir, claro está, porque estava no duche, se dirigia a um funcionário, ou até mesmo à receção do parque e apresentaria uma reclamação, verbal ou até mesmo escrita, dependeria da resposta obtida: "Que horror!! Fui tomar o meu banho e ao fechar o ferrolho, dois parafusos estavam desapertados e quase que parti uma unha!, vejam bem se tenho cortado um dedo o que seria?!, quem se iria responsabilizar?!"
Bom, estamos aqui perante um "campista" que vai reclamar do ferrolho desapertado porque está a usar um parque pelo qual pagou uma entrada e onde podia ter tido um sinistro, pelo que para mim, este não é um verdadeiro campista, este tipo é um "utente", um turista ou mero utilizador de um parque de campismo.

Depois, mudei de personagem: voltei a vestir-me (já sabem porquê) e fui buscar uma chave de parafusos e regressando ao local do "crime" acabaria por desapertar todos os parafusos, acabando assim o trabalho iniciado por "outros", e levaria furtivamente o ferrolho para casa, porque até me estava a fazer falta um fechozinho destes no galinheiro que tenho no quintal.
Ora, aqui estamos perante os "outros", nem é um campista, nem é um utente; é um outro pessoal, o do "gamanço", um fora da lei se assim quisermos chamar.

Mas, eu não sou um fora da lei, também não sou um mero "utente", eu tenho o privilégio de dizer que sou um campista, aliás "Campista" com C grande que pertence a um movimento associativo, organizado em prol de uma atividade dignificante e enriquecedora de saúde e de valores morais pessoais e coletivos, e por isso, com a mesma chave apertei os parafusos que estavam desapertados, e o ferrolho ficou completamente funcional.

Isto é o que distingue um Campista dos restantes, antes de reclamar, antes de furtar para si, tenta remediar aquilo que é seu e de todos, e evita que os "outros" façam com que os "utentes" reclamem!
É por isso que ser Campista, é apenas uma questão de apertar os parafusos.

Paulo Sousa
(Campista)

PRESÉPIO 2020

O Parque de Campismo de Esmoriz, presenteou
no passado mês de dezembro, os sócios
e demais cidadãos Esmorizenses, com mais um Presépio.
Elaborado pelos funcionários do Parque, esteve este ano
na entrada do Parque visível a quem passava.
Todos os anos temos vindo a registar uma evolução no
Presépio, apanágio da dedicação de quem nele se empenha.

Dezembro de 2020
Graça Miguel

Bom Caminho

Esta nova rubrica "Bom Caminho" pretende dar a conhecer, pela voz e pela lente de amigos companheiros, as suas experiências nos vários caminhos de peregrinação. Em cada trimestre, um relato diferente, um caminho diferente e naturalmente uma diferente experiência. Neste primeiro trimestre o Manuel Correia e a Maria Beatriz, dão-nos a conhecer uma versão que percorreram do Caminho Inglês. Este simpático casal de caminheiros tem nos seus vastos "curricula", largíssimas centenas de quilómetros percorridos a pé, não só em diversas versões do "Caminho", mas especialmente em muitas montanhas do país e do estrangeiro.

O Caminho de Santiago foi e continua a ser, a rota mais antiga, mais percorrida e mais celebrada da Europa, pelo que, ao longo deste ano daremos a conhecer as suas origens e evolução, com textos recolhidos no site oficial dos Caminhos de Santiago. (www.caminodesantiago.gal)

Caminhos de Santiago

Dos primeiros peregrinos à atualidade

O eremita Paio descobre o túmulo na década de 820

Por volta do ano 820 ocorre a descoberta do túmulo de Santiago Maior e imediatamente a criação do "locus Sancti Iacobi", o lugar sagrado para venerar os seus restos.

Num momento impreciso da década de 820-830 ocorre a descoberta do túmulo de Santiago Maior. Alfonso II reina no noroeste peninsular (Reino das Astúrias). Ele é o primeiro grande valedor. Foi criado no Mosteiro de Samos e recebe com entusiasmo a notícia que o bispo de Iria, Teodomiro, lhe transmite.

O eremita Paio observou durante várias noites umas enigmáticas luminárias sobre a floresta Libredón e informou disso o bispo Teodomiro de Iria

Um eremita do lugar de Solovio (onde hoje se ergue a Igreja de San Fiz de Solovio), de nome Paio, localizou, numa floresta chamada Libredón, as ruínas de um primitivo enterro. Contêm as que foram identificadas como túmulos do apóstolo Santiago e dos seus discípulos Teodoro e Atanasio.

Este aparecimento confirma uma enraizada tradição popular anteriormente documentada pelos monges Beda o Venerável e Beato de Liébana. Mas faltavam estas provas. Imediatamente, o rei Alfonso II visita o local e manda edificar uma modesta igreja, que depois Alfonso III reconstruirá (ano 899). Estamos na origem da atual catedral e da cidade de Santiago.

Reis, abades e monges, os primeiros peregrinos (séculos IX e X)

Monarcas asturianos, abades e monges franceses e alemães são os primeiros a chegar a Santiago a partir de finais do século IX.

Os soberanos asturianos Alfonso II e Alfonso III, juntamente com a Corte de Oviedo, são os primeiros peregrinos conhecidos do século IX. Alfonso III o Magno peregrinou em 872 e regressou com a rainha Jimena dois anos mais tarde, em 874, doando ao apóstolo uma cruz em ouro e pedraria, emblema do Reino das Astúrias.4,

Os reis asturianos Alfonso II e Alfonso III, juntamente com a Corte de Oviedo, são os primeiros peregrinos conhecidos do século IX

No século X começam a chegar peregrinos europeus, como Bretenaldo, em 930, um franco que decidiu assentar-se como morador da primitiva Compostela. Dois anos mais tarde, por volta de 932, peregrinou o rei Ramiro II. Não obstante, o peregrino mais célebre do século X foi o bispo Gotescalco de Le Puy, que viajou a Compostela em companhia de outros clérigos e de um grupo de fiéis da Aquitânia a finais de 950.

Pouco depois, em 959, peregrina ao santo lugar o abade Cesáreo, do mosteiro catalão de Santa Cecilia de Montserrat. Pediu a ajuda da Igreja compostelana para solicitar ao papa a restauração da sede episcopal de Tarragona. Este trâmite de intercessão aumentou o peso da sede apostólica no reino de Leão, reforçando a posição de Compostela como sede prestigiada do ocidente peninsular.

(continua na próxima revista)

O Caminho Inglês

O conhecido Caminho Inglês de Santiago tem aproximadamente 120kms, entre Ferrol e Santiago de Compostela, sendo um dos mais antigos caminhos de que há registo para acesso a Santiago de Compostela. Recebe esta designação em virtude de ter sido a rota de eleição dos Ingleses para acesso a Santiago de Compostela em peregrinação e culto a Santiago Maior, um dos doze apóstolos, padroeiro dos peregrinos e santo da sua devoção.

A peregrinação inglesa terá tido início no século XII, tendo-se verificado o seu apogeu durante a Idade Média. As mulheres tiveram, desde sempre, muita importância nos caminhos, tanto nas peregrinações como no seu apoio. Cabia-lhes o cuidado aos ferimentos e mazelas dos peregrinos, aos locais de abrigo, providenciar alimentação e higiene, tendo frequentemente acompanhado peregrinos no seu percurso.

Reis e Rainhas foram também dedicando-se à assistência nos Albergues. Exemplo disso terá sido a Rainha Santa Isabel de Portugal (1271-1336) que, teria dedicado a sua acção ao apoio aos mais pobres e desfavorecidos, tendo sido também peregrina a Santiago. Fruto dessa peregrinação e da devoção da rainha a Santiago, Isabel de Portugal mandou eregir o Mosteiro de Santa Clara em Coimbra, com o intuito de albergar e apoiar peregrinos.

À sua semelhança, a Raínha Isabel, a Católica, de Espanha, terá fundado no caminho o conhecido hospital dos Reis Católicos na Praça do Obradoiro que é hoje um Parador Nacional de Espanha.

Aos peregrinos era, e é, concedida a Compostela – documento atribuído pelo cumprimento de um mínimo de 100kms de caminho. Os últimos 100kms do Caminho Inglês fazem-se a partir do Ferrol ou da Corunha, pese embora os peregrinos o tenham feito desde sempre através dos vários Portos de Galiza, os caminhos cruzam-se, agora, em Bruma (Hospital de Bruma) onde existe um refúgio/ Albergue Municipal.

Ferrol, onde iniciámos o nosso percurso pelo caminho Inglês, é uma cidade acolhedora e bonita. A sua localização costeira, banhada pelo Atlântico e pelo rio Xubia, transmite uma sensação de liberdade, apesar do visível arsenal de guerra da marinha que caracteriza esta cidade portuária. Cidade orientada para actividades marítimas, tem uma população aproximadamente de 66.000 habitantes - a denominação de Ferrol ou el Ferrol foi alterada em 1938, pelas autoridades de Franco e, em sua honra, passou a ser El Ferrol del Caudilho. Em 1982 retoma a sua denominação actual.

Marco do Caminho

A Compostela

Ria de Ferrol

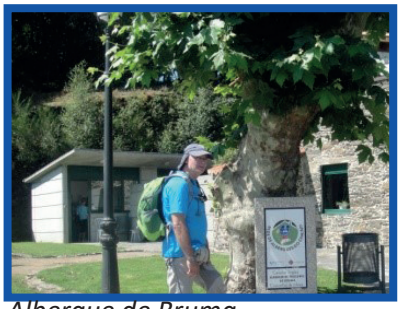
Este caminho poderá ser feito em seis etapas numa média de 17kms cada, ou, consoante a capacidade física de cada um, aumentar ou reduzir unindo duas etapas ou subdividindo-as, sempre partindo do Ferrol ou da Corunha. A nossa experiência foi feita a partir de Ferrol e durante o mês de Agosto. De inverno é difícil dado o caracter acidentado do percurso, humidade geral e chuva, produto da sua localização junto à costa marítima.

Passando por Neda, Puentedeume, Betanzos, Vilacoba, Bruma, Sigueiro e Santiago, o caminho atravessa vilas e cidades pitorescas das quais diríamos serem Betanzos e Puentedeume as que mais nos fascinaram.

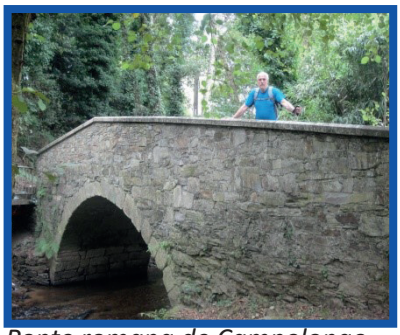
Na segunda década do século XXI, o caminho Inglês apresentava-se ainda pouco desenvolvido e pouco atrativo para os peregrinos e caminheiros. A ausência de apoio aos peregrinos, de fontes de água potável, de oferta hoteleira e da entre-ajuda e companheirismo que caracterizam outros caminhos, este acaba por ser, na nossa opinião, talvez um caminho menos interesse e algo desmotivador. Não obstante, pauta-se por algumas cidades consideradas "históricas" , por entre aldeias ou lugarejos sem vivalma. Duas das etapas que percorremos foram feitas sem vislumbre de outros peregrinos no caminho.

Parecia um caminho vazio e, ainda assim, também de silêncios se faz o caminho. Há sempre um objectivo cumprido e a satisfação de o ter conseguido, pese embora as dificuldades físicas que o mesmo acarreta para todos e cada um de nós. Os momentos e as vivências são únicas e intransmissíveis, daí que inferir que o Caminho Inglês é um caminho menor ou sem interesse não é, de todo, um atitude que se nos pareça correcta. De qualquer maneira é um documento nosso, pelo que, também será justo que a nossa opinião fique registada.

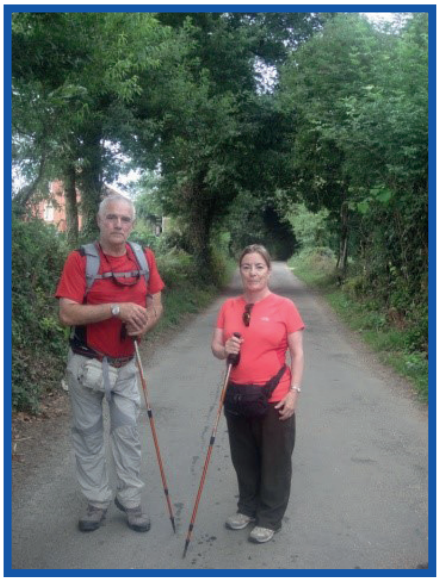
Manuel Correia e Maria Beatriz Ferreira

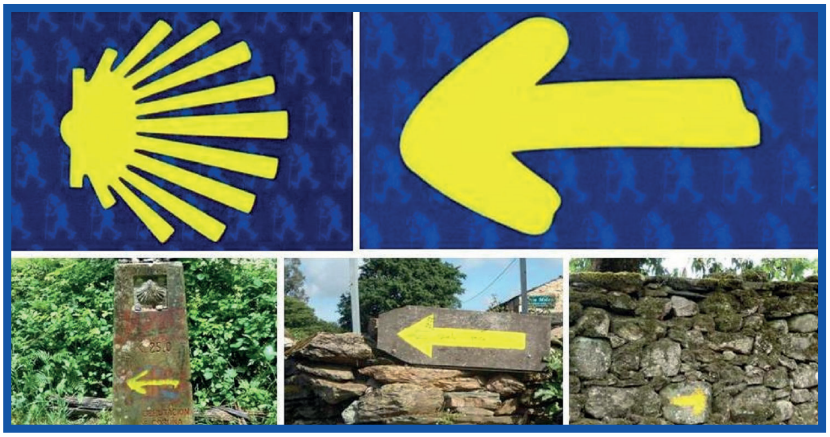

Albergue de Bruma

Albergue de Pontedeume


Ponte romana de Campolongo

Neda





Roteiro de Viagem

Rota da Seda

A Rota da Seda, era uma série de rotas interligadas através da Ásia do Sul, usadas no comércio da seda entre o Oriente e a Europa. Assim, os carregamentos eram transportados por caravanas e embarcações oceânicas que ligavam comercialmente o Extremo Oriente e a Europa. Provavelmente esses percursos foram estabelecidos a partir da Ásia – e foram fundamentais para as trocas entre estes continentes até à descoberta do caminho marítimo para a Índia. A rota da seda ligava Chang'an (atual Xi'an), na República Popular da China até Antioquia, na Ásia Menor. A sua influência expandiu-se até à Coreia e ao Japão. Formava a maior rede comercial do Mundo Antigo.

Estas rotas não só foram significativas para o desenvolvimento e florescimento de grandes civilizações, como o Egipto Antigo, a Mesopotâmia, a China, a Pérsia, a Índia e até Roma, mas também ajudaram a fundamentar o início do mundo moderno. Muitas caravanas já seguiam essa rota antiga desde 200 ac.

No passado remoto, os chineses aprenderam a fabricar seda a partir da fibra branca dos casulos dos bichos-da-seda. Só os chineses sabiam como fabricá-la e mantinham esse segredo muito bem guardado. Quando eles estabeleceram contato com as cidades do Ocidente, encontraram pessoas dispostas a pagar muito caro pela seda. Os dois lados da rota aprenderam muito sobre culturas diferentes das suas, e isso expandiu suas ideias sobre o mundo.

O viajante, mercador e comerciante veneziano Marco Polo percorreu a Rota da Seda no século XIII.

A rota da seda continental divide-se em rotas do norte e do sul, devido à presença de centros comerciais no norte e no sul da China. A rota norte atravessa o Leste Europeu (os mercadores criaram algumas cidades na Bulgária), na península da Crimeia, no mar Negro, no mar de Mármara, chegando aos Bálcãs e por fim, a Veneza; a rota sul percorre o Turcomenistão, a Mesopotâmia e a Anatólia. Chegando a este ponto, divide-se em rotas que levam a Antioquia (na Anatólia meridional, banhada pelo Mediterrâneo) ou ao Egito e ao Norte da África.

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

Rota da Seda

Esta mítica rota ligou a Ásia à Europa desde tempos imemoriais. Desde o Império romano à Mongólia de Kubilai Cão com transporte de mercadorias em caravanas e embarcações. Teve várias ramificações, mas ligava essencialmente Xi'na na China a Roma na Europa. A Rota da Seda entrou em declínio com a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

Tendo lido sobre as fabulosas cidades de Samarcanda, Tashkent, Khiva, Bukhara, Kashgar, Xi'na e tantas outras ficou o bichinho (não da seda) de viajar por esta parte da Ásia. Mas para além se ser caro é uma viagem que tem de ser muito bem organizada, pois é longa (18 dias) e atravessa vários países e culturas.

Até que em 2018 surgiu a oportunidade de concretizar este sonho, através duma boa agência de viagens e com o Gonçalo Cadilhe, o nosso famoso viajante.

Parti em abril, do Porto para Istambul, onde me encontrei com os outros elementos do grupo, procedentes de Lisboa, que tiveram de correr para apanharem o avião para Tashkent no Uzbequistão.

Tashkent é a capital do Uzbequistão, com 3.5 milhões de habitantes, era uma das cidades mais importantes para a Rota da Seda pois daqui as caravanas bifurcavam-se para várias partes da Ásia e para a Europa.

Esta cidade, após um violento terramoto nos anos 60, foi reconstruída segundo o modelo soviético; largas avenidas, edifícios de arquitectura soviética, muitos parques e alamedas verdes com belos jardins.

Fizemos muitas visitas a madrassas, mausoléus e museus onde pudemos apreciar os seus pátios, cúpulas e fachadas recobertos com milhões de azulejos variados, numa riqueza policromática admirável. Visitamos também o mercado Chorsu-Bazar onde as cores, cheiros e azáfama são de realçar. Este mercado é enorme e com produtos variados. Tinha grandes fornos de pão onde pudemos marcar o nosso próprio pão e depois comê-lo.

O povo usbeque é afável, culto e gosta de conviver com os turistas e viajantes.

Outras heranças do sistema soviético são o sistema de saúde, sistema de ensino e vias rodoviárias.

Nunca vi tantas farmácias modernas numa cidade, assim como autocarros movidos a gás como os restantes veículos.

Ao fim deste longo dia apanhámos um voo curto para Urgench, onde finalmente e após mais de 30 horas de viagem pudemos dormir.

Após uma boa noite de descanso partimos em direcção a Khiva, cidade situada num oásis junto à fronteira com o Turquemenistão. A cidade fica dentro de grossas muralhas de adobe (sec X) e foi habitada por inúmeros matemáticos, filósofos e cientistas. Foi também um infame mercado de escravos (sec XVI).

Esta cidade (das mais fotogénicas da Ásia) tem muitos monumentos para visitar; palácios (com os respectivos haréns), mesquitas, madrassas, e minaretes como o Kalta-minor e o Islam Khoja. Realço o mausoléu Pahlavan Mahmud que é duma beleza estonteante. À noite fizemos uma visita à cidade toda iluminada e com uma grande azáfama.

Tashkent,UZ. - Mesquita Khazrati Imon

Tashkent,UZ. - Mesquita Khasti Iman

Tashkent,UZ. - Mercado Chorsu

Tashkent,UZ. - Mercado Chorsu

No dia seguinte partimos (em autocarro) rumo a Bukhara, numa paisagem variada; desde pomares, campos de algodão, atravessámos o mítico rio Amu Darial e o imenso deserto vermelho até Bukhara.

Em Bukhara visitámos mais algumas madrassas, mesquitas, minaretes e o Palácio Real. Tudo muito bem trabalhado e muito belo. Visitamos a fortaleza Arka e o mercado Toqi Bazaar, principal área comercial da cidade velha, com os seus múltiplos ofícios e artesãos e onde se vendem objectos incríveis. As madrassas são de enorme beleza, embora o seu interior esteja transformado em venda de artesanato, exceptuando uma que estava activa e pudemos ver os alunos no seu ritmo diário. Fizemos um almoço típico numa loja/oficina de bordados: vaca estufada com legumes e arroz com passas, muito bom.

Seguidamente viajamos, em comboio rápido, para Samarcanda, onde depois de jantar, assistimos a um espectáculo de luz e som na praça Registan.

Samarcanda: conquistada por Alexandre (sec IV ac); arrasada por Genghis Khan (sec III); reerguida por Tamerlão (o grande conquistador da Ásia Central) em 1370, que a transformou na capital do seu vasto Império e no expoente máximo da arquitectura, ciência e cultura da Ásia Central.

Em Samarcanda visitamos a famosa praça Registan com as suas belas madrassas e mesquitas, com uma multidão colorida e afável com os turistas. Querem tirar fotos connosco, faziam muitas perguntas sobre o nosso país; o mausoléu Amir Timur (Tamerlão); o típico mercado Syob e o fabuloso Observatório Astronómico Ulug Beg (sec XV), que, sendo o maior do mundo muçulmano, é fenomenal e representa o avanço científico da época.

Seguimos para Tashkent, em comboio rápido, onde jantamos com espectáculo de dança e música local.

No dia seguinte partimos para o fértil Vale de Fergana, atravessando as montanhas Tien Xan, ainda com neve. No miradouro Kamchick Pass, embora nevasse, vislumbrava-se a grandeza destas montanhas que aqui se encontram com a cadeia montanhosa do Pamir. Fizemos uma paragem em Kokand, cidade importante na Rota da Seda, onde visitamos o Palácio Real, hoje museu; a mesquita Jaumi (sec XIX) que é suportada por colunas de madeira esculpida, e é local de oração às sextas feiras.

Continuando para Fergana visitamos uma olaria tradicional e uma fábrica de seda onde vimos todo o processo do fio desde o casulo até aos belos lenços de seda. Seguindo este vale (do tamanho de 1/3 de Portugal), rico em pomares de variada fruta e extensos campos de cereais, e um lago no meio das montanhas.

No dia seguinte partimos rumo à fronteira com o Quirguistão por estradas de montanha lamacentas. Na fronteira o ambiente é indiscritível: muita lama, longas filas, uma azáfama no transporte de mercadorias pelos habitantes locais. Do Uzbequistão para o Quirguistão frutas e legumes; no sentido oposto eletrodomésticos (dezenas de pessoas carregando frigoríficos às costas). Após muitos carimbos entramos no Quirguistão onde nos aguardava um autocarro com a guia Sofia e rumamos a Osh. Após uma refeição visitamos o mercado local e fizemos uma caminhada no monte sagrado Suleiman Too. Depois visitamos uma bela igreja ortodoxa e uma enorme estátua de Lenine.

No dia seguinte fizemos um voo interno para Bishkek capital do país onde visitamos praças enormes, largas avenidas, monumentos e muitos espaços

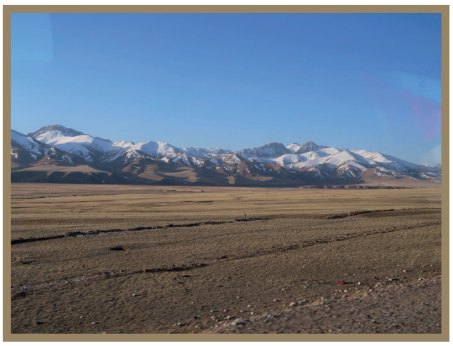
Khiva,UZ. - Minarete Kalt-minor

Khiva,UZ. - Avô babado

Bukhara,UZ. - Madrassa Chor Minor

verdes. O Quirguistão é um país pobre e isso nota-se mais na capital.

Depois o grupo rumou a Naryn, em autocarro, através de longas estepes (vale Chuy) onde contactamos com tribos variadas. Parámos em Burana, sítio arqueológico importante, e depois seguimos por este cenário imponente e esmagador acompanhando sempre a cordilheira Tien Shan. Chegamos a Naryn já de noite e após o jantar fomos para a cama porque a alvorada seria às 5 horas da manhã.



Cordilheira Tien Shan - KG

Saímos cedo em direcção à fronteira com a China, no famoso Torugart Pass (Pamir, 3.752 mts altitude). Viagem maravilhosa até ao caravançarai Tash Rabat (sec XI) um dos pontos altos desta viagem. Esta fortaleza era um local privilegiado de pernoita para as caravanas da rota da seda. Este vale tem muitos iaques, cavalos e rebanhos de ovelhas. Há também muitas marmotas que brincam despreocupadas nas centenas de buracos existentes. Seguimos através da cordilheira Tian Shan num cenário deslumbrante e com muita neve até à fronteira quirguiz, onde após complicadas formalidades, continuamos na terra de ninguém (50 kms) até Torugart Pass, um dos lugares míticos no caminho da Rota Seda.

Caravançarai Tash Rabat - KG

Aqui esperamos 9 horas pelo autocarro chinês, retido pelos problemas burocráticos, tendo-nos valido a quantidade de sandes que a guia Sofia trouxe. Esta parte da China pertence às comunidades uigures que estão em conflito com o poder central, por isso tivemos vários controlos de segurança até Kashgar onde chegámos cerca das 5 horas da manhã. A estrada era de terra batida com muitos buracos, e o autocarro muito velho e sem suspensão. Apesar do ambiente securitário fomos sempre tratados com decência. Kashgar fica no início do deserto de Taklimatan por isso o ar está impregnado dum pó muito fino.

Passagem Naryn-Torugat

Após um merecido, mas curto descanso, iniciamos a visita a esta linda cidade fortemente policiada, devido a tumultos recentes. Visitamos o bairro e mercado islâmico totalmente remodelado, onde convivemos com um frenesim constante e comércio dos produtos mais incríveis. Visitamos o mausoléu da Concubina Flagrante (sec XVII). À noite fizemos um convívio no hotel para relaxar.

No dia seguinte partimos, de avião, para Urumqi, capital da província de Xinjiang, onde almoçamos num restaurante onde as mesas são redondas com um enorme prato de vidro giratório, onde são colocadas as diversas iguarias bem condimentadas. Este tipo de serviço irá repetir-se ao longo da viagem na China. Visitamos ainda o Museu de História onde, entre muitas coisas, vimos múmias (2000 ac) bem preservadas pois a secura do deserto e o frio permitem a sua conservação. Depois prosseguimos, de autocarro, para Turpan atravessando parte do deserto de Taklimatan, passando pelas espectaculares Montanhas Flamejantes.

Naryn-Torugat Pass - KG

Turpan, outra cidade lendária na Rota da Seda, fica num oásis, e é a cidade do globo mais afastada de um oceano. Tem temperaturas extremas, fica a -150mts do nível do mar e é raro chover, obtendo água do degelo das montanhas e através de um eficaz sistema de canais. Esta zona tem muita agricultura e é famosa pelos seus melões e uvas. Visitamos uma estufa de melão, semi-enterradas em adobe, e com sistema de rega gota a gota. Visitamos ainda vinhedos a perder de vista (o que vimos tinha 8 kms de comprimento), e devido às extremas condições de temperatura as cepas são enterradas no inverno.

Estufas melão em Turpan - China

Em Turpan visitamos o sistema de irrigação de Karez (com 2000 anos) constituído por canais subterrâneos que transportavam a água do degelo das altas montanhas, com cerca de 1000 poços e 3000 kms no total. De realçar que em toda a cidade a água é límpida. Há também muitas ruínas de cidades antigas, tais como: Gaochang, Bezeklik e Jihaoe, esta última é monumental com uma muralha de 6 kms e empoleirada em canyons. Visitamos ainda os Túmulos de Astana e o Pagode Sugong. Finalmente, e após tantas visitas num só dia, fomos dormir.

Turpan - Ruínas Gao Chang - China

No dia seguinte viajamos, num comboio de alta velocidade, para Dunhuang atravessando o terrível e mítico deserto de Gobi. Chegamos e fomos para as dunas Minsha Shan (as mais altas do mundo) onde fizemos um passeio de camelo. Visitamos também o Crescent Lake onde pudemos tomar um chá num Pagode chinês. Espectacular. As dunas quase chegam à janela do quarto do hotel (Silk Road) e à noite a vista no terraço é deslumbrante.

A.V. Turpan-Liuyuan - China

No dia seguinte fomos visitar as famosas e incríveis grutas budistas Mogao. Estas grutas (sec IV ao sec IX), perto de 750 e contém frescos de monges budistas, são consideradas o maior acervo no género e foi um dos momentos altos desta viagem. Ao fim do dia partimos (de avião) para Xian.

Gostaria de referir que todos estes sítios (Património da Humanidade) estão equipados com modernos centros de interpretação e alta tecnologia. Por exemplo nestas grutas, devido ao grande número de visitantes, os cerca de mil e tal guias em simultâneo são geridos por um sistema computadorizado. Assim como as estações de comboio e aeroportos regionais são grandes edifícios modernos e eficientes. Há muito dinheiro e pensa-se para o futuro.

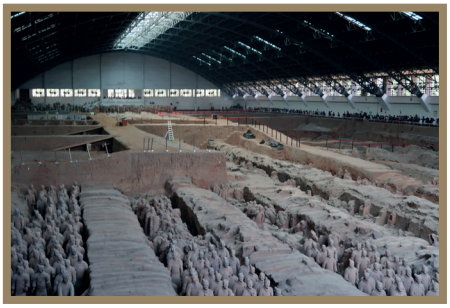
Dunhuahg - Dunas Mingsha Shan

Xian uma imensa cidade (10 milhões habitantes), antiga capital da China, é o limite oriental da Rota da Seda. Largas avenidas e prédios altos fervilham de gente e colorido. Devido à grande poluição atmosférica estão a mudar os veículos de combustão por eléctricos, todas as motorizadas e scooters (milhões) já o eram e até ao final de 2018 os autocarros também o seriam, em 2019 seria a vez dos táxis. De realçar o orgulho de que esta grande revolução ser totalmente produzida na província.

Embora a etnia predominante seja a Han, visitamos o centro histórico muçulmano (com 1350 anos) com uma mesquita estilo pagode chinês e grandes jardins. Milhares de lojas nos souks e uma multidão incrível. As pessoas são amáveis e gostam de conviver com os turistas. Em seguida fomos visitar o complexo dos Guerreiros em Terracota (210 ac): 3 poços com mais de 8000 soldados, 670 cavalos e várias oficinas de restauro em acção. É um espectáculo. Neste complexo existe um museu com artefactos em cobre (armaduras, carros de combate, etc).

Dunhuang - Grutas Mogao

Visitamos este complexo (é uma cidade) numa segunda-feira e estavam cerca de 1 milhão de visitantes e é provido de imensas infra-estruturas (restaurantes, lojas, guias, multimédia, etc). Tem mais de 4 parques de estacionamento para 5000 autocarros cada. Aqui perdi-me do resto do grupo mas como tínhamos um cartão com o nº telefone do guia, contactei uma das centenas de guias e acabei por ser recolhido.


Xian - Guerreiros Terracota - China

Seguidamente voamos para o imenso aeroporto de Pequim para regressarmos ao Porto, via Istambul, e fizemos vinte e tal horas de fatigante viagem.

O sonho cumpriu-se.

Artur Pereira

Acampamentos

NCADI

O que é? Porque é? Para que é? Onde é?

A estas interrogações e dúvidas, vamos procurar dar as respostas que nos parecem ajustadas.

Assim, recordamos, para começar que o movimento campista, dito desportivo teve o seu auge na década de setenta do século passado.

Eram então, acampamentos semanais, pelo país fora.

Sobrepunham-se nas mesmas datas, organizados pelos clubes existentes, de norte a sul, com implicações negativas para os praticantes, não só pela impossibilidade de participar em todos, mas também pela despesa inerente às deslocações.

Mas como toda a moeda tem duas faces, também o campismo começou o inexorável declínio que se regista actualmente e com o custo de vida que não cessa de crescer nos trouxe até o que se constata agora.

Vamos então responder às questões iniciais.

NCADI é o acrónimo de “Núcleo Campista de Acampamentos Desportivos de Inverno”.

O NCADI foi fundado com a finalidade dos praticantes se encontrarem fora da época tradicional.

Como essa época tinha início nos acampamentos da Páscoa e terminavam por alturas do 5 de Outubro, sucediam-se largos meses em que os Amigos do campismo não se encontravam. E ainda não havia telemóveis!

Nasceu então a ideia de se criar qualquer coisa que promovesse encontros “fora de época”.

A culminar essa ideia e variadas reuniões nos acampamentos que ainda havia, efectuou-se nos finais de 1970, no parque de campismo de Santa Cruz (Torres Vedras), a reunião final, da qual saiu o NCADI.

Obedeceria, segundo foi decidido, aos princípios seguintes:

- Os aderentes terão, obrigatoriamente, de ser titulares da Carta de Campismo Nacional.

- Teria que haver um pavilhão ou uma casa onde pernoitar.

- Imprescindível uma sala onde se fizessem as refeições em comum.

- Promover actividades culturais / recreativas / desportivas.

- Realizar 3 encontros por época, sendo um no sul, outro no centro e outro no norte.

- Criar um crachat que será entregue "à posteriori" a cada um dos participantes.

Com o passar dos tempos, estes princípios foram sofrendo várias alterações / adaptações, forçados entre outros motivos pelo avançar da idade dos companheiros participantes, pois que, 40 anos já pesam num grande número de companheiros.

O que fica por relatar já são estórias para ilustrar a história do NCADI.

Mário Agostinho

O Baú do Avô

Nesta nova série da rubrica "O Baú do Avô", vamos tentar trazer à estampa os registos e apontamentos da história do Clube de Campismo do Porto.

É nosso entendimento, que a importância da revista Acampar, além de ser uma janela para os factos presentes e futuros, é o repositório das memórias do nosso Clube. À medida que nos vão deixando os que sabem, porque as vivenciaram ou porque lhas contaram, as múltiplas histórias, peripécias, efemérides e outos acontecimentos (uns mais positivos, outros nem tanto), ou ficamos com um registo escrito, ou para sempre ficarão perdidas, tornando-se em meras e fugazes lembranças sem rasto.

Gostaríamos pois, nos fizessem chegar ou dar a conhecer, documentos, histórias, personagens, factos, fotografias ou vídeos (sim, a nossa revista é, também, digital...), para aqui deixarmos impressa essa "pegada". E dela podermos fazer um documento integrante das comemorações do 75º aniversário do Clube, a realizar em 2022.

Contamos consigo. Colabore connosco!

Esta compilação, é uma adaptação de um texto já anteriormente escrito, por um sócio cujo nome desconhecemos (mas que, posteriormente divulgaremos, logo o saibamos). As cópias das actas, foram recolhidas do primeiro Livro de Actas (out 1945 - abril 1950).

Noémio Lago de Oliveira
Membro da Comissão Organizadora (1945-1947)
e Presidente do Clube (1955-1961)

Joaquim Fernandes de Castro Lyra
Primeiro Presidente do Clube (1947-1950)

Os primeiros anos...

Oficialmente, a certidão assinala o dia 14 de Agosto de 1947 como sendo o do nascimento do nosso Clube. Mas para uma mais completa e perfeita história do Clube de Campismo do Porto, torna-se indispensável recuar alguns anos no tempo.

Por volta dos anos 40, já havia no Grande Porto, como hoje se diz, bastantes praticantes do campismo.

Uns praticavam-no individualmente, outros faziam-no aglutinados em pequenas equipas e outros, ainda, exerciam-no integrados no escutismo que, aliás, foi a grande escola para muitos.

Mas foi em Agosto de 1945, portanto após o fim da segunda Guerra Mundial, que se intensificaram os contactos entre os já numerosos campistas existentes em todo o País, e que se deram os primeiros passos para a estruturação do Movimento Campista. Simultaneamente, as autoridades desportivas determinavam que os vários praticantes se deveriam associar (talvez para melhor serem controlados) e, assim, surgem pelo país várias Associações.

Na área do Porto, de entre as equipas existentes, havia uma que se distinguia não só por ser das mais antigas, pois tinha sido criada em 1930, ano em que também fizera o seu primeiro acampamento, em Ermezinde, mas também pelo seu dinamismo: a "TAC-Tribo Alpino Campista".

E é por iniciativa da ''TAC" e com a aprovação do Delegado da Direcção Geral dos Desportos, que é criada a Associa-ção de Campismo do Porto. Tem a sua sede na Rua de Sampaio Bruno, 12 – 3º andar, numa sala cedida por aquela Direcção Geral, que também ali tinha as suas instalações.

Para o efeito, foi constituída uma Comissão Administrativa composta por:

Noémio Lago de Oliveira

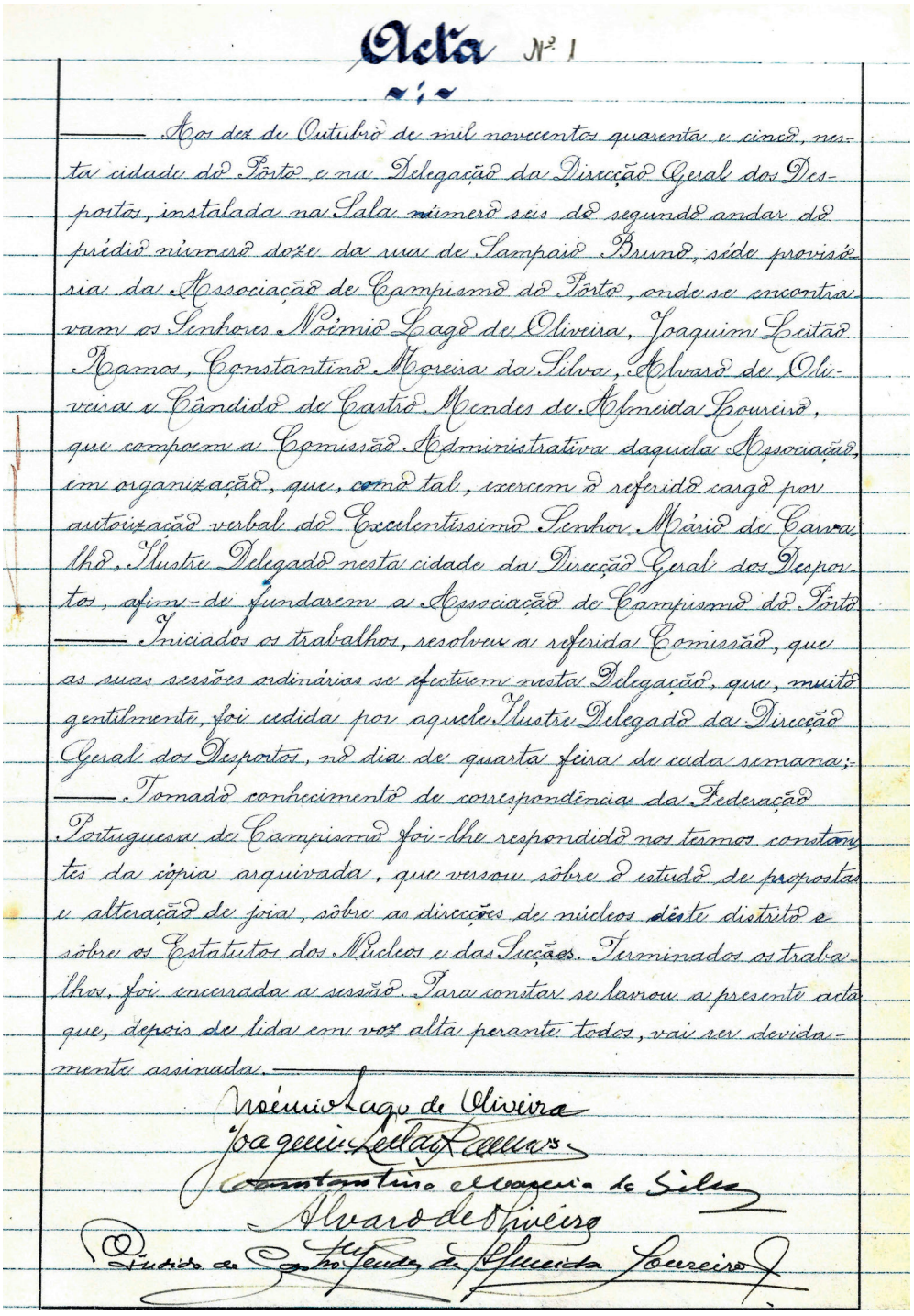
Joaquim Leitão Ramos

Constantino Morteira da Silva

Álvaro de Oliveira

Cândido de Castro Mendes Almeida Loureiro

que teve a sua primeira reunião em 10.10.45. Pelo seu valor se transcreve a respectiva Acta



Acta Nº 1

Aos dez de Outubro de mil novecentos quarenta e cinco, nesta cidade do Porto e na Delegação da Direcção Geral dos Desportos, instalada na Sala número seis do segundo andar do prédio número doze da rua de Sampaio Bruno, séde provisória da Associação de Campismo do Porto, onde se encontravam os Senhores Nóemio Lago de Oliveira, Joaquim Leitão Ramos, Constantino Moreira da Silva, Alvaro de Oliveira e Cândido de Castro Mendes de Almeida Loureiro, que compõem a Comissão Administrativa daquela Associação, em organização, que, como tal, exercem o referido cargo por autorização verbal do Excelentíssimo Senhor Mário de Carvalho, Ilustre Delegado nesta cidade da Direcção Geral dos Desportos, afim de fundarem a Associação de Campismo do Porto. Iniciados os trabalhos, resolveu a referida Comissão, que as suas sessões ordinárias se efectuem nesta Delegação, que, muito gentilmente, foi cedida por aquele Ilustre Delegado da Direcção Geral dos Desportos, no dia de quarta feira de cada semana; Tomado conhecimento de correspondência da Federação Portuguesa de Campismo foi-lhe respondido nos termos constantes da cópia arquivada, que versou sôbre o estudo de propostas e alteração de jóia, sôbre as direcções de núcleos dêste distrito e sôbre os Estatutos dos Núcleos e das Secções. Terminados os trabalhos, foi encerrada a sessão. Para constar se lavrou a presente acta que, depois de lida em voz alta perante todos, vai ser devidamente assinada.

Nóemio Lago de Oliveira
Joaquim Leitão Ramos
Constantino Moreira da Silva
Alvaro de Oliveira
Cândido de Castro Mendes de Almeida Loureiro

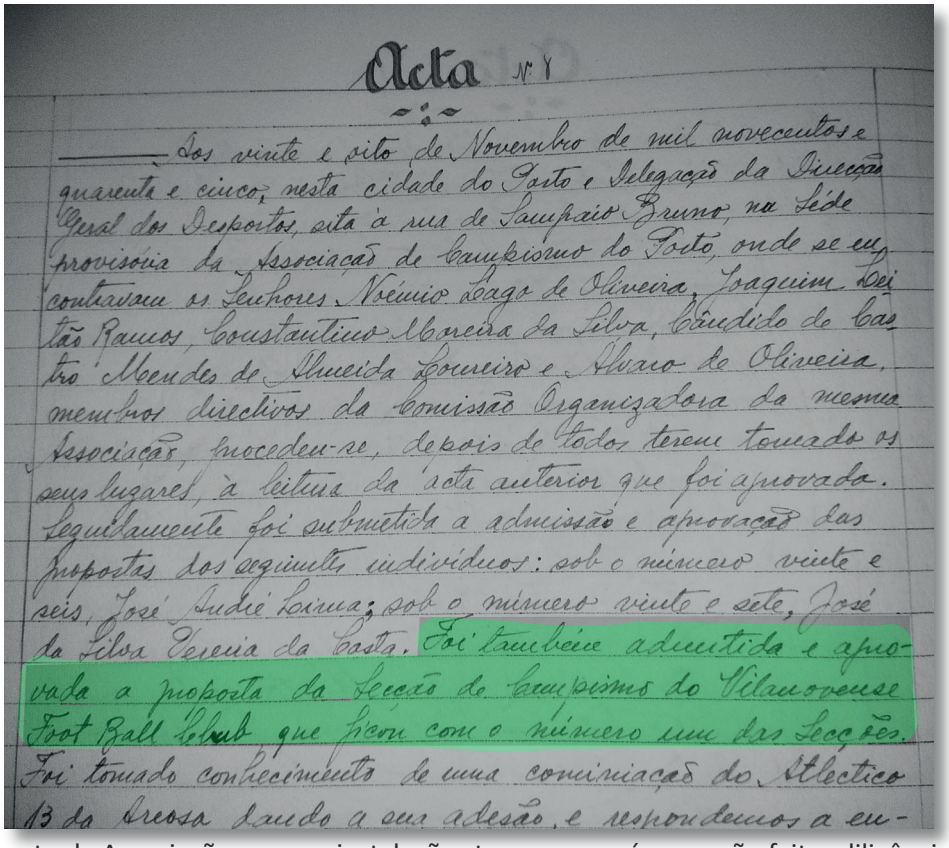
30

A comunicação oficial à Direcção Geral dos Desportos é feita por ofício de 9.5.1946.

Nesta altura, já havia conhecimento da existência na área do Grande Porto das seguintes organizações:

- Camping Club do Porto
- Clube Invicta de Campismo
- Grupo Campista “Académico”
- Grupo Campista “Estrela Vigorosa”
- Grupo Campista “Estrela d’Alva”
- Grupo Excursionista “Ar Livre”
- Grupo Naturista do Norte
- Grupo Portuense de Campismo
- Núcleo Invicta de Campismo
- Secção de Campismo do “Vilanovense Foot-Ball Club”
- Secção Campista Percy
- TAC-Tribo Alpino Campista

A primeira inscrição na Associação é feita em 28.11.1945, pela Secção de Campismo do “Vilanovense Foot-Ball Club” e foi registada com o nº 1, como consta da (Acta nº 8)



Acta Nº 8

Aos vinte e oito de Novembro de mil novecentos e quarenta e cinco, nesta cidade do Porto e Delegação da Direcção Geral dos Desportos, sita à rua de Sampaio Bruno, na Séde provisória da Associação de Campismo do Porto, onde se encontravam os Senhores Noémio Lago de Oliveira, Joaquim Leitão Ramos, Constantino Moreira da Silva, Cândido de Castro Mendes de Almeida Loureiro e Alvaro de Oliveira, membros directivos da Comissão Organizadora da mesma Associação, procedeu-se, depois de todos terem tomado os seus lugares, à leitura da acta anterior que foi aprovada. Seguidamente foi submetida a admissão e aprovação das propostas dos seguintes individuos: sob o número vinte e seis, José André Lima; sob o número vinte e sete, José da Silva Pereira da Costa. Foi tambem admitida e aprovada a proposta da Secção de Campismo do Vilanovense Foot Ball Club que ficou com o número um das Secções. Foi tomado conhecimento de uma comunicação do Atlectico B da Areosa dando a sua adesão, e respondemos a en-

Com o desenvolvimento da Associação, as suas instalações tornam-se exíguas e são feitas diligências junto da Cooperativa do Povo Portuense para ser alugada uma sala no seu prédio sito na Rua do Paraíso nº 217.

Cedida a sala nº 7, sendo o seu aluguer fixado em Esc:. 120$00 mensais, mas a Cooperativa num gesto exemplar a todos os títulos, propõe-se cobrar apenas 70$00, conforme a sua carta de 2.7.1946.

A sugestão para a criação da bandeira da Associação é apresentada em reunião de 3.7.1946 (Acta Nº 39) que, segundo a descrição ali feita, virá a ser igual à actual, com excepção das letras, que em vez de “C.C.P.”, mostrava, como é óbvio, as letras “A.c.P.”.

A ASSOCIAÇÃO TRANSFORMA-SE EM CLUBE

Em reunião efectuada em 25.3.1947, a Comissão Administrativa da Associação resolve que esta se transforme em clube e, assim, delibera informar a Federação Portuguesa de Campismo de que a partir daquela data a mesma passa a denominar-se “Clube de Campismo do Porto” e a respectiva Comissão Administrativa a chamar-se “Comissão Organizadora”.

Esta comunicação é feita à Federação por ofício de 26.4.47, tendo esta dado o seu acordo em 30 do mesmo mês.

Nascido o Clube de Campismo do Porto, inicia-se o processo para a sua legalização.

Em 22.5.1947, a Comissão Organizadora oficializa na Federação a filiação do Clube e em 30.9.1947 é enviado ao Ministério da Educação Nacional um ofício solicitando a sua constituição legal.

Entretanto, as primeiras Cartas Campistas já haviam sido pedidas à Federação, a qual em 10.5.47 envia as seguintes:

nº 146 - Noémio Lago de Oliveira

nº 147 - Joaquim Leitão Ramos

nº 148 - Constantino Moreira da Silva

nº 149 - Álvaro de Oliveira

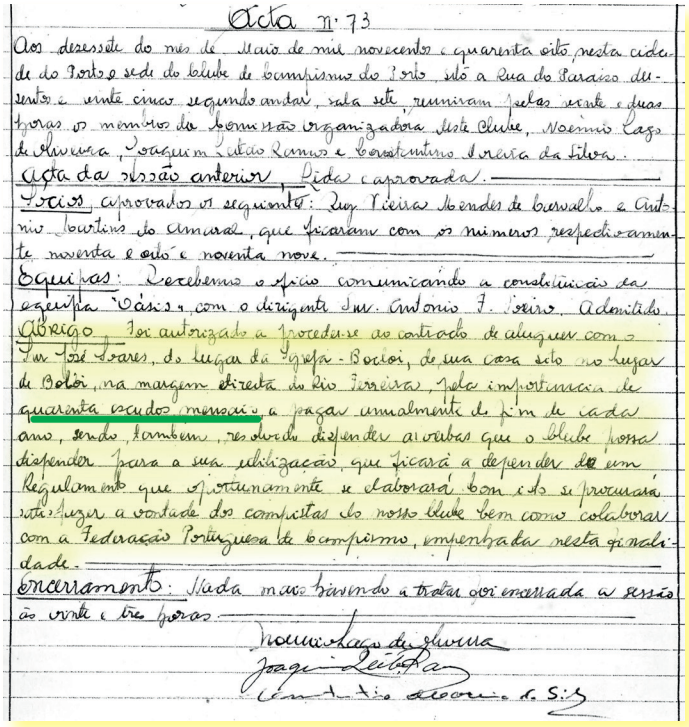
A primeira Assembleia Geral para a eleição dos Corpos Gerentes do Clube realiza-se em 25.8.1947, mas por razões burocráticas, esta foi posteriormente anulada e substituída por outra que se efectuou em 21.1.1948, tendo sido eleitos os seguintes Corpos Gerentes:

Assembleia Geral
Presidente - Cândido de Castro Mendes A. Loureiro
Secretário - José Adelino Nunes Leitão
Secretário - Cândido José Nicola
Conselho Fiscal
Presidente - Celso Isidoro Lima
Vogal - Ricardo José Caldeira da Silva
Relator - José Carlos Montenegro M. Carvalho
Direcção
Presidente - Joaquim Fernandes de Castro Lyra
Vice-Presidente - Jorge Artur Carneiro Martinez
1º Secretário - Noémio Lago de Oliveira
2º Secretário - António de Jesus Martins
Tesoureiro - Constantino Moreira da Silva
Vogal - Joaquim Leitão Ramos
Vogal - Armando Sá Fernando
Vogal - Jorge Corrêa Monteiro
Vogal - António de Pádua Dias da Costa

Por ofício de 21.5.1948, a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, comunica que os Corpos Gerentes acima referidos, haviam sido aprovados, conforme consta do "Diário do Governo" nº 115, II Série, de 19.5.48.

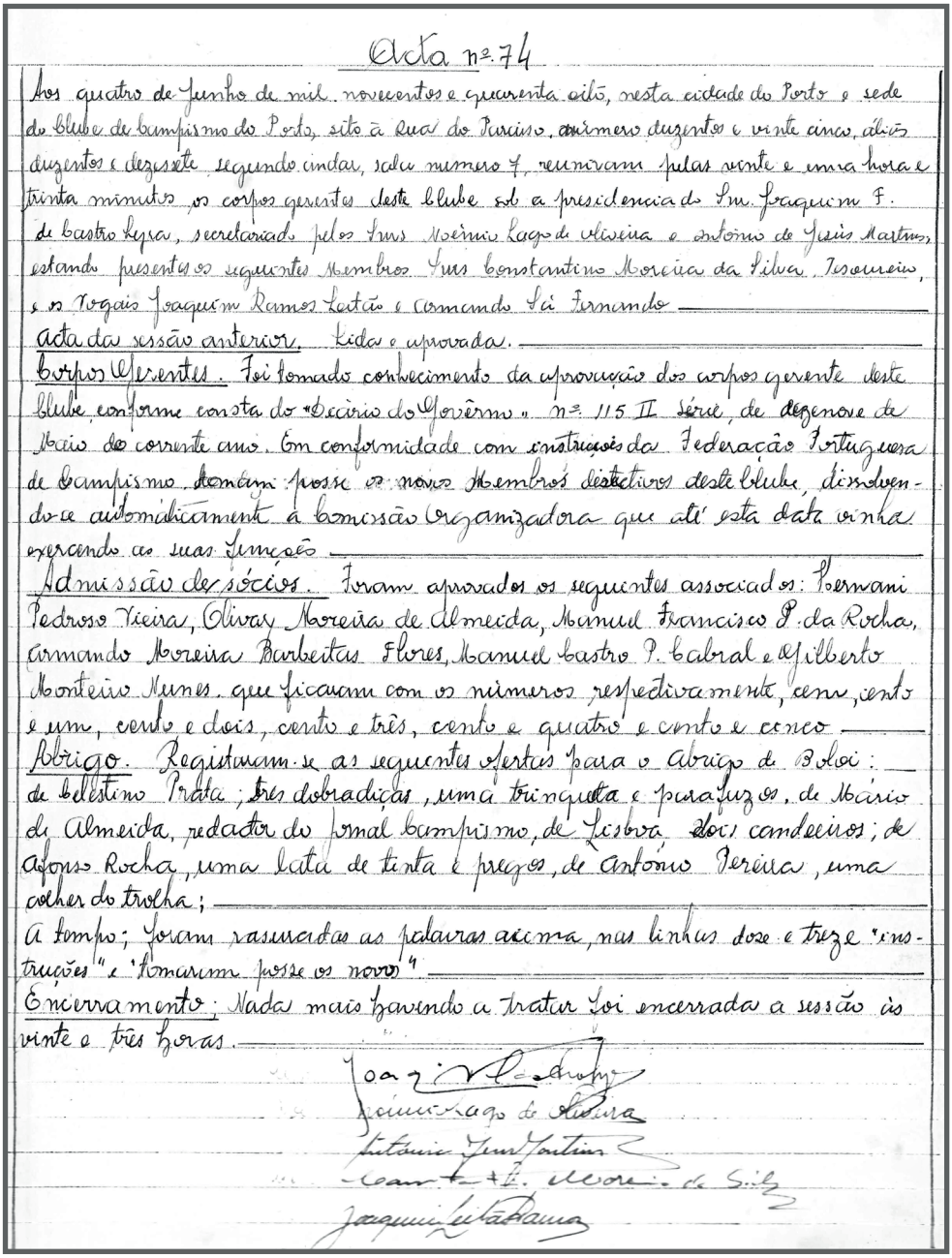
Estava criado e legalizado o nosso Clube!

A primeira representação oficial do C. C.P. verifica-se nos dias 28, 29 e 30 de Abril de 1948, aquando do I Congresso da Federação Portuguesa de Campismo, em Lisboa.
Logo a seguir, em 1, 2 e 3 de Maio do mesmo ano, de novo o C. C. P. volta a representar-se mas, desta vez, no I Acampamento Nacional, nas Caldas da Rainha.
A Acta nº 73, de 17.5.48, da reunião da ainda Comissão Organizadora, assinala um facto de grande significado para o nosso Clube e, por isso, transcrevemo-la no seu essencial:
"Foi autorizado a proceder-se ao contracto de aluguer com o Snr. José Soares, do lugar da Igreja - Belói, da sua casa sita no lugar de Belói, na margem direita do rio Ferreira, pela importância de quarenta escudos mensais, a pagar anualmente"


Acta nº 73
Aos dezesseis do mês de Maio de mil novecentos e quarenta oito nesta cidade do Porto e sede do clube de campismo do Porto, sito a Rua do Paraíso duzentos e vinte cinco segundo andar, sala sete, reuniram pelas vinte e duas horas os membros da Comissão organizadora deste Clube, Noémio Lago de Oliveira, Joaquim Leitão Ramos e Constantino Moreira da Silva.
Acta da sessão anterior, lida e aprovada.
Sócios, aprovados os seguintes: Luís Vieira Mendes de Carvalho e António Martins do Amaral, que ficaram com os números respectivamente noventa e oito e noventa nove.
Equipas: Recebemos o ofício comunicando a constituição da equipa "Vários" com o dirigente Snr. António F. Pereira. Admitido.
Abrigo, Foi autorizado a proceder-se ao contracto de aluguer com o Snr José Soares, do lugar da Igreja - Belói, da sua casa sita no lugar de Belói, na margem direita do Rio Ferreira, pela importância de quarenta escudos mensais, a pagar anualmente de fim de cada ano, sendo, também, resolvido dispender as obras que o clube possa dispender para a sua utilização, que ficará a depender de um Regulamento que oportunamente se elaborará bem e de se procurará satisfazer a vontade dos campistas do nosso clube bem como colaborar com a Federação Portuguesa de Campismo, empenhada nesta finalidade.
Encerramento: Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão às vinte e três horas.
Noémio Lago de Oliveira
Joaquim Leitão Ramos
António de Jesus Martins

Começava, assim, a concretizar-se uma velha aspiração de todos os campistas: a criação de uma Casa Abrigo!

Outra data igualmente de grande valor para todos é a de 4.6.1948, pois regista a última reunião da Comissão Organizadora. Nesta reunião é tomado conhecimento oficial da aprovação, pelas autoridades, dos primeiros Corpos Gerentes eleitos, pelo que aquela Comissão auto dissolve-se e transmite os poderes à nova Direcção.



Acta nº 74

Aos quatro de Junho de mil novecentos e quarenta oito, nesta cidade do Porto e sede do Clube de Campismo do Porto, sito à Rua do Purcino, número duzentos e vinte cinco, dois duzentos e dezasete, segundo andar, sala número 7, reuniram pelas vinte e uma hora e trinta minutos, os corpos gerentes deste Clube sob a presidencia do Sr. Joaquim F. de Castro Lyra, secretariado pelos Srs Moeiro Lago de Oliveira e António de Jesus Martins, estando presentes os seguintes Membros Srs Constantino Moreira da Silva, Tesoureiro, e os Vogais Joaquim Ramos Leitão e Armando Sá Fernandes

Acta da sessão anterior. Lida e aprovada.

Corpos Gerentes. Foi tomado conhecimento da aprovação dos corpos gerente deste Clube, conforme consta do "Diário do Govêrno" nº 115 II Série, de dezenove de Maio do corrente ano. Em conformidade com instruções da Federação Portuguesa de Campismo, tomam posse os novos Membros dêste Clube, dirigindo-se automàticamente à Comissão Organizadora que até esta data vinha exercendo as suas funções

Admissão de sócios. Foram aprovados os seguintes associados: Fernando Pedroso Vieira, Olivar Moreira de Almeida, Manuel Francisco P. da Rocha, Armando Moreira Barbeitas Flores, Manuel Castro P. Cabral e Gilberto Monteiro Nunes, que ficaram com os números respectivamente, cem, cento e um, cento e dois, cento e três, cento e quatro e cento e cinco

Abrigo. Registaram-se as seguintes ofertas para o Abrigo de Boloi: de Celestino Prata; três dobradiças, uma trinqueta e parafusos, de Mário de Almeida, redactor do jornal Campismo, de Lisboa, dois candeeiros; de Afonso Rocha, uma lata de tinta e pregos, de António Pereira, uma colher de trolha;

A tempo; Foram rasuradas as palavras acima, nas linhas doze e treze "instruções" e "tomarem posse os novos"

Encerramento; Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão às vinte e três horas.

Aprovados, pelas autoridades os primeiros Corpos Gerentes, estava vencida a etapa mais difícil para a legalização do nosso Clube que, assim, entra na normalidade.

A partir de agora, começava um novo ciclo na vida do C. C. P. que se caracterizou (não obstante as limitações de então) por um grande número de actividades não só dentro de portas, na secretaria, como exteriormente, isto é, no campo e na serra. Enumerá-las é impossível, não só por falta de dados, como seria fastidioso para o leitor. Por isso, limitar-nos-emos a assinalar aquelas que, por qualquer razão, julgamos dignas de tal.

A actividade desportiva oficial do Clube inicia-se com o I Acampamento da Primavera levado a cabo nos dias 11 e 12 de Junho de 1949, em Leça do Balio, tendo sido Chefe de Campo o companheiro Miguel Martins e merecido aplauso a acção da ''Equipa Invicta''.

A segunda reunião colectiva foi o I Acampamento do Outono, que se realizou em 22 e 23 de Outubro de 1949, em S. Braz, Santa Cruz do Bispo, e com o qual se encerrava o ano desportivo. Estas duas acções (Acampamentos da Primavera e do Outono) vieram a repetir-se, religiosamente, durante muitos anos, constituindo, sempre, motivo para o encontro de velhos amigos e baptismo para muitos neófitos. No final desta brochura encontra-se a listagem de todos estes acampamentos, de tão saudosa memória.

Um evento que então teve grande projecção, foi a I Exposição Fotográfica de Campismo que se realizou no Salão Nobre do Clube Fenianos Portuense, de 9 a 19 de Abril de 1949.

Outra data que não se poderá deixar de aqui registar é a de 15 de Maio do mesmo ano, dia em que se inaugurou o Abrigo de Belói, tendo estado representadas várias colectividades.

A consulta aos livros, revela-nos que o modelo do primeiro Cartão de Associado foi aprovado em 18 de Abril de 1949 e registado na Acta nº 101.

Pelo seu valor não só intrínseco como histórico, em especial para o Clube e em geral para o Movimento Campista, a seguir transcrevem-se extractos de algumas Actas das Reuniões de Direcção:

Acta nº 118 - 20.02.51 - ''Trocaram-se impressões sobre o novo regulamento para a passagem da Carta Campista, verificando-se ser necessário criar um curso de campismo. Ficou resolvido oficiar junto do C. C. L. (Clube de Campismo de Lisboa) pedindo o plano do seu curso e respectivas lições."

Acta nº 122 - 19.04.51 - "Como se tenha verificado uma plantação de eucaliptos efectuada pelo respectivo proprietário na Insua de Belói, ficou resolvido afixar-se um aviso na sede do Clube comunicando esse facto aos associados, para que possam tomar as habituais precauções para a não danificação de qualquer plantação."

Acta nº 125 - 5.06.51 - "Foi resolvido estudar a possibilidade de se escolher um dia por semana em que um "veter-ano" campista pudesse na nossa sede, prestar ensinamentos a candidatos à Carta Campista."

Que cada um medite e tire as ilações que julgar conveniente.

Outro facto de não somenos importância, pois demonstra o cuidado que então havia para que ao Movimento Campista apenas aderissem aqueles que mostrassem possuir qualidades para tal, é-nos dado pela Acta nº 127, de 6.07.1951:

"Resolvido, por unanimidade, afixar-se na sede do Clube as propostas com a fotografia dos candidatos a sócios, antes de serem levadas à reunião da Direcção para aprovação, e possam verificar se têm algo a dizer sobre os mesmos."

A preocupação que desde sempre o Clube teve em que o Porto tivesse um Parque de Campismo onde pudesse receber os campistas que nos visitassem, está patente no ofício que em 24.4.1951, foi enviado à Câmara Municipal do Porto e em que se sugeriu a "parte Sul do jardim onde se encontram os Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento, à rua Barão de Nova Sintra."

É claro que desta diligência, bem como de muitas outras que se lhe seguiram, nada resultou.

Com a expansão do campismo em geral e em especial no C. C. P., começa a notar-se a necessidade de se pugnar pela boa ética, divulgar novas técnicas e materiais, bem como impedir que se alastre a distorção da realidade campista e se agravem as relações entre "companheiros do mesmo ofício". Isto levou-nos a que se tomasse uma resolução talvez inédita em meios clubistas, ou seja, a realização de reuniões mensais de associados, informalmente, sem carácter de assembleia. Foram as "célebres" reuniões das terceiras "Quartas-feiras" de cada mês que se inciaram em Outubro desse ano e onde se discutiram problemas, se apresentaram sugestões e se combateu a "má-língua".

Uma necessidade que começava a tornar-se evidente, era a criação de um órgão informativo, periódico, dentro do clube. Assim, logo que foram criadas as condições mínimas foi decidido publicar a primeira "Circular" (embrião do actual "Acampar"). O primeiro número foi distribuído em Março ou Abril de 1952, foi impresso a duas cores, custou Esc. 295$00 (mil exemplares) e teve um único anunciante que contribuiu com Esc. 150$00 por número, tendo o clube "suportado" os restantes 145 Escudos!

Em Agosto de 1952, alguns companheiros do nosso clube deslocaram-se à Galiza e estabeleceram contactos com alguns membros dos clubes Montañeros Celtas e Peña Travinca. Foi o rasgar de novos horizontes nas relações com aqueles clubes irmãos, que tiveram o seu zénite um ano mais tarde aquando da realização de um acampamento em Vigo.

Se atentarmos ao período difícil que ambos os países atravessavam, devido aos regimens políticos então vigentes, devemos convir que o inicio destas relações constituiu um importante marco na vida do nosso clube.

Federação Campismo Montanhismo Portugal

Uma dúvida com mais de setenta anos...

Em **setembro de 1947**, na revista Campismo, da Associação de Campismo de Lisboa (antecessora do actual Clube de Campismo de Lisboa), o Núcleo Campista "Os Caracóis", suscitava a dúvida sobre a utilidade da Carta de Campista, e fazia uma série de sugestões.

"...que tem feito a Federação em prol do campismo, que propaganda tem efectuado para que as pessoas alheias ao assunto tomem interesse pela causa e nos vejam com olhos diferentes com que se olha um cigano ou um desgraçado que por não ter casa usa uma tenda?"

e mais à frente, dizia:

"chegou-se a um ponto em que, não tenhamos ilusões, o movimento está absolutamente estagnado, e mais do que nunca vive unicamente da boa vontade de umas dezenas de entusiastas, e nós não vemos a Federação tomar as iniciativas por que nós nos vamos cansando de esperar"

E, como curiosidade maior, a queixa sobre a impossibilidade de acampar onde se quer, mas tão só *"numas dúzias de locais limitados"*, faz-nos lembrar a actual polémica sobre o Estacionamento/Aparcamento das autocaravanas...

Interessante de ler, igualmente, a réplica dada em jeito de resposta, pela Comissão Administrativa da Federação Portuguesa Campismo.

Atente-se na mesma página, o convite para conhecer e ouvir *"na banda dos 193,6 metros, do Clube Radiofónico de Portugal"* o programa de rádio Ar Livre, o *"jornal sonoro dos campistas portugueses"*.

CAMPISMO

INFORMAÇÃO • TÉCNICA • DIVULGAÇÃO

Para que serve a «Carta Campista» e a Federação

pergunta O Nucleo Campista «OS CARACOIS»

A F. P. C. sempre tem afirmado desejar que lhe dirijam todas as críticas e sugestões por estar convencida que a mais ampla discussão àcerca dos problemas do campismo conduzirá certamente ao seu esclarecimento e ao estudo das soluções a adoptar. Porque não houvera ainda possibilidade de se publicar o nosso jornal, a discussão dessas críticas tem sido feita apenas por correspondencia trocada com os que as têm dirigido. Agora já é possivel dar-lhes publicidade o que deve ser motivo de satisfação para todos nós.

O Nucleo Campista OS CARACOIS, de St.º Amaro de Oeiras, em carta dirigida à F. P. C. de que recortamos o essencial, diz:

«... que tem feito a Federação em prol do campismo, que propaganda tem efectuado para que as pessoas alheias ao assunto tomem interesse pela causa e nos vejam com olhos diferentes com que se olha um cigano ou um desgraçado que por não ter casa usa uma tenda?

«... cremos que seria de utilidade a existencia de um jornal regular do movimento, de uma série de palestras pela rádio, de uma curiosa fita de cinema, feitas com inteligencia sobre campismo, de exposições, de secções campistas nos jornais desportivos e não desportivos, etc., etc.

«Chegou-se a um ponto em que, não tenhamos ilusões, o movimento está absolutamente estagnado, e mais do que nunca vive unicamente da boa vontade de umas dezenas de entusiastas, e nós não vemos a Federação tomar as iniciativas por que nós nos vamos cansando de esperar.

«Chegámos a Vieira de Leiria e, mais precisamente, a Tercenas, o ponto ideal para acampar e que os próprios mapas de 1947 do Automóvel Clube de Portugal indicam como local de acampamento. Noutros tempos sempre se acampou aí e o sr. Eng. João Simões, de Tomar, campista da velha guarda, indicara-nos esse local. Espanto dos espantos! Na vasta região do Pinhal de Leiria sempre se acampou mas, desde que foi criada a Federação, só em S. Pedro de Muel, num pequeno espaço, é agora permitido. Triunfantemente puchámos pelas nossas Cartas Campistas, convencidos que, visto estarmos sujeitos a severo regulamento, decerto nos autorizariam sabendo que nós dávamos as garantias de nada estragar. Não senhor, só em S. Pedro! Antigamente podia-se, agora não! E, como S. Pedro ficava a vinte e tal quilómetros lá arranjámos maneira de acampar numa estreita porção de margem do rio Liz que pertence à Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos (entidade que felizmente nunca esteve em contacto com a Federação) e passámos o dia, não como campistas mas como «piqueniquistas», no Pinhal de Leiria!

«Devem compreender que isto é cheio de ridiculo e triste. Que em 89.000 quilómetros quadrados de Portugal, quem foge ao bulicio das cidades, só possa acampar numas duzias de locais limitados. Será por essa razão que não se faz propaganda para que não se amontoem os campistas nos poucos locais existentes?

«Nós chegamos a perguntar para que serve a Carta Campista e a Federação!»

* * *

O que tem feito a F. P. C. em prol do campismo e da sua propaganda resume-se nisto: é à existencia da actual Comissão Administrativa e à sua acção que se deve a própria existencia actual do movimento campista organizado (com todas as dificuldades e deficiencias), a projecção que as actividades campistas vão tendo em toda a Imprensa e o prestigio que vão conquistando junto de muitas entidades, quer oficiais, quer particulares. Tem sido este um trabalho silencioso, sem publicidade, por isso desconhecido de muitos; não se pode, porém, negar a sua utilidade. Muito mais há a fazer certamente, mas nas actuais condições e com os escassos meios de que dispõe não é muito fácil. A publicação do nosso jornal estava prevista para quando o numero de contribuintes o permitisse. Inicia-se agora e se o não foi mais cedo deve-se aos próprios campistas que têm demorado a sua filiação, muitos, precisamente, por acharem demasiada a contribuição de 1$50 e não encontrarem qualquer utilidade no jornal. Há muitos meses mantem o jornal «Campismo» um programa de rádio no Clube Radiofónico de Portugal. «Vida ao ar-livre» assim se intitula este programa que tem sido um bom meio de propaganda do nosso desporto, das nossas actividades, e da nossa organização. Um filme sobre campismo é um sonho que há muito espera poder tornar-se realidade. Quanto custa isso, porém? Teve a F. P. C. há tempos, oferta de uma entidade particular estrangeira para a realização de um filme neste género. Além de não nos poder interessar o caracter comercial que se lhe pretendia dar, uma das modalidades de execução incluia uma responsabilidade individual de 10$00 para cada campista... isto desde que arranjássemos 3.000 contribuintes! Exposições fizeram-se dezenas (poderiam fazer-se centenas ou milhares e nem assim esclareceriam «todas as pessoas alheias ao assunto») e não se poderá desconhecer a publicidade que semanalmente vem sendo feita em todos os jornais àcerca de actividades campistas. Secções permanentes nos jornais, caso interessassem a esses jornais, quem seria capaz de as manter?

Que o movimento esteja absolutamente estagnado, eis uma afirmação que a realidade desmente «absolutamente». O seu impulso actual deve-se de facto apenas a umas dezenas de entusiastas. Eis precisamente a grande deficiencia do movimento campista português: sendo o campismo praticado no nosso país por muitos e muitos adeptos entusiastas (só no Acampamento Popular de Lisboa, no ano passado, se juntaram mais de mil) são poucos os que se dispõem a trabalhar, dando um pouco da sua actividade e esforço às tarefas de organização e expansão e nem todos reconheceram ainda que só quando formos muitos e unidos poderemos fazer mais e melhor. A Comissão Administrativa da F. P. C. por exemplo, possui apenas quatro elementos trabalhando activamente, secundados por outros quatro elementos que compõem o seu Conselho Técnico e mais dois na Comissão de Imprensa e Propaganda.

E' pouquissimo e nem todos dão o rendimento necessário, uns pela sobrecarga de trabalho que lhes é imposta, outros por menor espírito de sacrifício. Por isto a F. P. C. abre os seus quadros a todos os que queiram vir trabalhar com ela na solução dos problemas que nos afectam metendo ombros às iniciativas pelas quais, por vezes, se cansam de esperar.

O caso agora apontado, sucedido no Pinhal de Leiria é muito triste! Não sabemos qual o regimen que vigorava anteriormente às concessões feitas pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquicolas à antiga Comissão Administrativa, mas acreditamos em quanto nos dizem, pois estamos convencidos que essas concessões foram apenas uma forma de pôr pedra no assunto, sem o resolver. E' justo dizer-se que nenhuma responsabilidade cabe à anterior Comissão Administrativa na forma como este assunto foi resolvido, pois envidou todos os esforços, no que foi secundada pela Direcção Geral dos Desportos, em obter o máximo. Foram todos iludidos. A posição actual desta questão é relatada no Comunicado n.º 2 da F. P. C.

Será justo, no entanto, em face das dificuldades com que lutamos actualmente e as poucas vantagens concedidas aos filiados no movimento e portadores da sua Carta Campista, negarmos a sua utilidade? Ou devemos antes convencer-nos a trabalhar unidos na obtenção das garantias a que temos direito como peoneiros dum movimento de indiscutivel interesse nacional? Ou, ainda, devemos por outro lado começar a encarar alguns problemas de frente, procurando por nós próprios resolvê-los, sem esperar indefinidamente por generosidades?

Enviem-nos respostas a estas perguntas.

AR LIVRE!

Um programa campista na rádio

Os campistas portugueses também têm o seu programa de rádio.

Há oito meses que os microfones do Clube Radiofónico de Portugal atiram para o ar as nossas notícias, as crónicas e entrevistas ligadas ao nosso movimento. Há oito meses, como dissémos, é lançado para milhares de aparelhos o nosso apêlo: FAÇA CAMPISMO!

E se até junto de ti nunca chegou o programa AR LIVRE, terás ensejo de o escutar pelas 20 horas do dia 25 e na banda dos 193,6 metros.

E' o 8.º numero do nosso jornal sonoro, e desta vez poderás conhecer o que se passou no 8.º Congresso Internacional de Campismo ao mesmo tempo que algumas belas canções dos nossos camaradas franceses.

Até às 20 horas do dia 25 e bôa disposição!

Sejamos Optimistas!...

Continuação da 1.ª página

E então, com optimismo, retomaremos a marcha: parao sol, para os largos horizontes que nossos olhos dominam, para a tranquilidade das noites estreladas — indicando a todos os portugueses este rumo saudável e viril da Natureza.

Para sermos dignos da nossa liberdade, sejamos disciplinados e bons camaradas — sejamos optimistas!

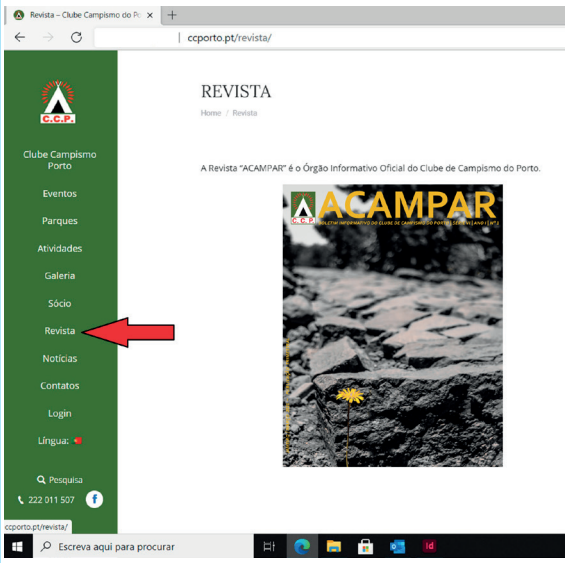
CASTOR

N.º 5 (II Série) • SETEMBRO DE 1947 • Preço 1$50

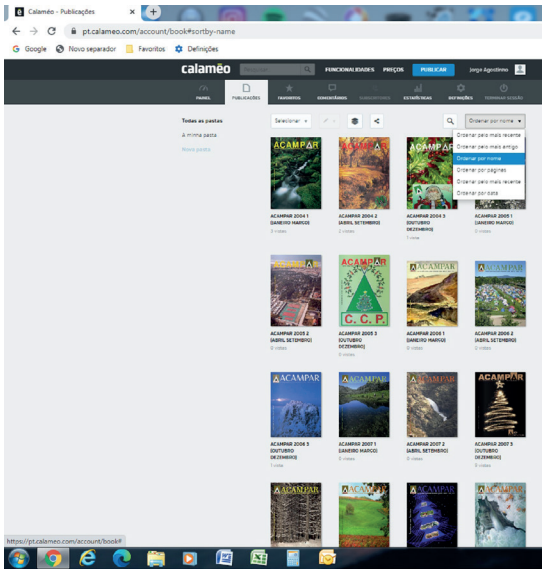
Caderno de apontamentos

Alternativas para a leitura do ACAMPAR

(das quatro publicações anuais, só duas são, também, impressas e enviadas por correio)



Na página do CCP, abre o separador **REVISTA**. Escolhe o exemplar que quer ler. Ao clicar será aberto um novo separador com o PDF respectivo. Pode lê-lo online, ou se pretender, descarrega-o e guarda-o para ler quando quiser.



No site Calaméo, https://pt.calameo.com se não tiver o link directo, procura na lupa por: ACAMPAR. Aparecerão as revistas publicadas desde janeiro de 2004. Escolhe a que quer ler, e num novo separador, pode ler, desfolhando, o seu ACAMPAR.

YouTube

O **ACAMPAR** terá brevemente, um canal no YouTube. Preferencialmente com videos antigos, de momentos da história do CCP. Se os tiver e os quiser partilhar, todos agradecemos. E caso precise, daremos uma ajuda na edição dos mesmos.

Borges, Mendonça & Ca Lda.
bm
artes gráficas

Gráfica | Tipografia | Encadernação
Impressão Offset | Impressão Digital | Pré Impressão

Sede:
Rua Nau Trindade, 72
4000-354 Porto

Filial:
Rua Padre Albano Paiva Alferes
4520-029 Sta Maria da Feira

T. +351 225 366 603
info@bmartesgraficas.com | www.bmartesgraficas.com

60 anos
a imprimir desde 1960

NA CRISE ANDAMOS AOS PAPÉIS

E a crise veio por mar a dentro, galgou as praias e correuno asfalto até muitas casas de família. Em cada actividade vive uma crise, por exemplo, a dos jornais, dizem que a causa... é o papel... e é "verdade" Agora, já não tenho o jornal para pôr no chão, para a minha cadela "Lela" fazer as suas necessidades de madrugada !

Mas fui tirar dúvidas e falei com o Sor Zé Farrapeiro, na rua do Bonjardim, junto ao Bairro Leal, onde cresci, brinquei e aprendi a fugir aos polícias, mas quando jogava o "porta-em-porta" com casca de laranja ou com uma bola feita de papel de jornal e amarrada com um fio de embrulho, de quando em vez a bola lá ia pelo postigo da pequena porta lateral do farrapeiro, mas o Sor Zé. lá nos deixava ir procurar a nossa bola, ao montão de papel, que quase chegava ao tecto, e algures estava por ali a bola perdida... e às vezes trazia-mos mais uma, e mais outra, que tinham lá ficado, num outro dia de mau humor do Sor Zé, que não nos dava a nossa bola. E lá fui.

-Então Sor Zé como vai o negócio do papel?
- Vai mal !
- Claro... andamos todos aos papéis!
- Eu cá resolvi a vida, com o papelão.

Despedi-me depois de lhe recordar algumas das coisinhas que às vezes a malta lhe fazia, e disse-lhe:

- Papelão?!... Que rico papelão está a fazer a crise!

- O melhor é não lhe passares cartão... e dedica-te ao fio de cobre ou às tampas de saneamento.

Saí do estabelecimento e ao descer a Rua das Musas, disse para os meus botões:
- Pois... mas o cobre da europa só nos dá tampas!

Ora, para quem o governo dá a vacina contra a gripe... é um bom princípio para a 3ª. Idade sair de casa e "andar aos papéis" sem se constipar. Mas a crise instalou-se e veio para ficar.
Teremos que aprender a saber mudar os modos de vida. Ou seja: Teremos todos, MAS TODOS, que aprender a saber emagrecer.

Concluí com esta ida ao farrapeiro, que a família também pode e deve ser fortalecida, fora do seio familiar, com laços cordiais, solidários, feitos por gente que sente de cor, e não por gente com números nas costas e cifrões no peito.
Podemos ser familias no associativismo, com o desporto, com o lazer, com a cultura, e no palco de qualquer arte.

Alfredo Correia

Photomaton

Photomaton é o espaço que reservámos para relembrar épocas passadas, mais ou menos distantes, mas sempre com alguma afinidade ou relação com o nosso Clube. Pessoas, lugares, objectos ou acontecimentos, tudo aqui terá lugar, em sépia ou a preto e branco. Tem uma foto que gostaria de partilhar com todos? Envie-a e talvez a possa ver aqui.

Ainda no final dos anos 60, a praia começava nas escadas, ainda hoje existentes, no fim da Avenida da Praia. Os avanços do mar, despoletaram os primeiros trabalhos de defesa da costa, com a colocação das iniciais linhas de pedras, que hoje se prolongam até Cortegaça.

Praia de Esmoriz nos anos 60

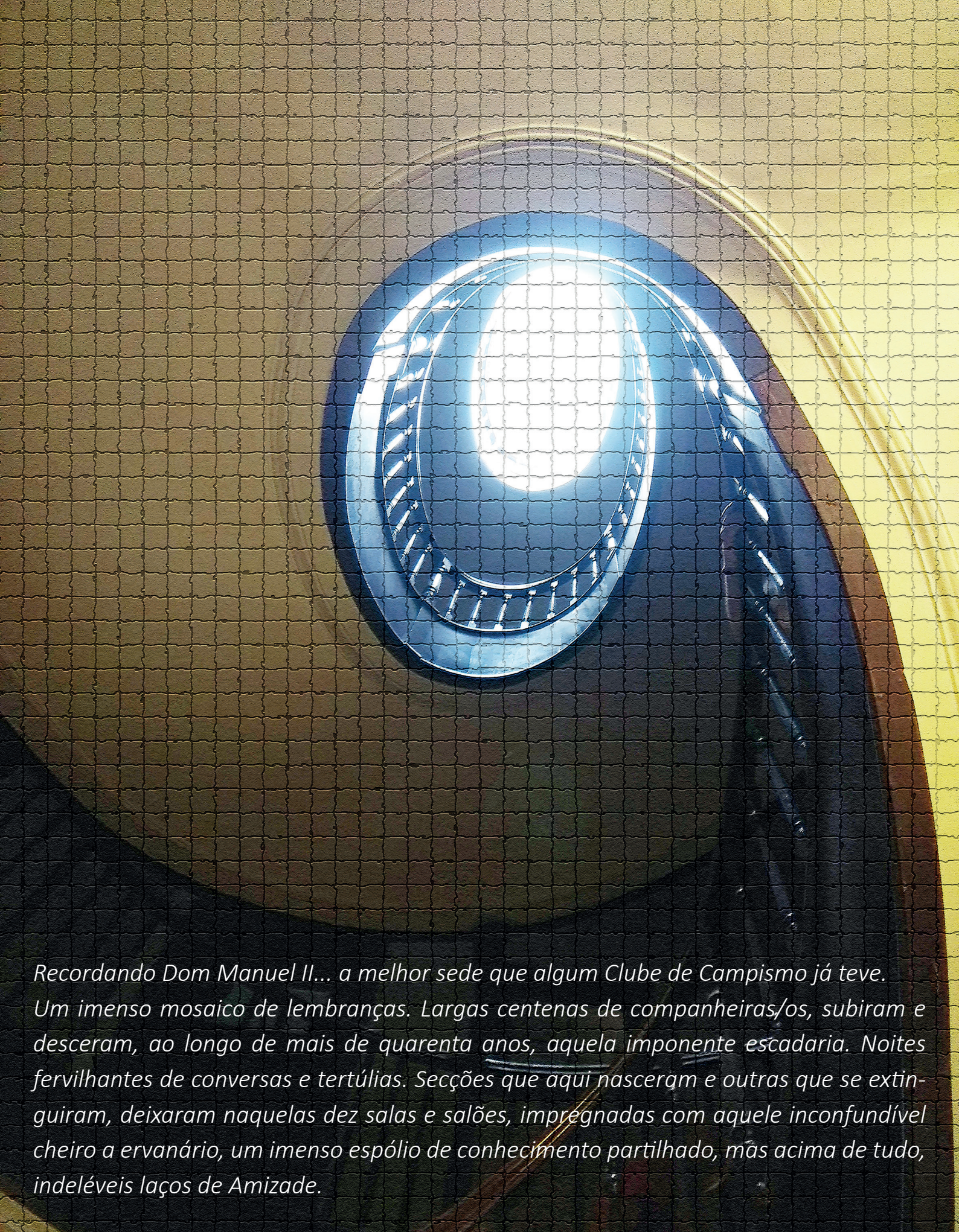
Alguns exemplos de palheiros que ainda se mantêm. Em cima, os dois da frente ainda lá estão. À direita, o "Palheiro Amarelo" (hoje quase em ruína).
A cabine eléctrica, ainda existente, e ao fundo, a praia com as suas barracas.
A praia era ao nível da rua, separada só pelas dunas...

Nota: *as fotos apresentadas são de postais antigos e/ou recolhidas na Web, algumas na página FB da* ***Comissão de Melhoramentos de Esmoriz****.*

Ao fundo, ainda em construção a "Casa do Brasileiro", à esquerda o Barramar e na foto da direita o célebre Restaurante Gaivota.

Um enorme areal que se estendia terra adentro, assim era a praia de Esmoriz, quando, em 1968 os primeiros campistas do CCP chegaram, para criar o nosso parque de campismo. No seu próximo passeio tente identificar as constuções ainda existentes.

A barrinha levava um dos seus braços até junto ao Barramar, onde se podiam alugar barquinhos a remos.



Recordando Dom Manuel II... a melhor sede que algum Clube de Campismo já teve. Um imenso mosaico de lembranças. Largas centenas de companheiras/os, subiram e desceram, ao longo de mais de quarenta anos, aquela imponente escadaria. Noites fervilhantes de conversas e tertúlias. Secções que aqui nasceram e outras que se extinguiram, deixaram naquelas dez salas e salões, impregnadas com aquele inconfundível cheiro a ervanário, um imenso espólio de conhecimento partilhado, mas acima de tudo, indeléveis laços de Amizade.